

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

RENÉ YURI LEMOS

CORPO, TERRITÓRIO E NARRATIVAS TRANSMASCULINAS: UMA
AUTOETNOGRAFIA A PARTIR DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES (2020-2022)

PONTA GROSSA
2025

RENÉ YURI LEMOS

CORPO, TERRITÓRIO E NARRATIVAS TRANSMASCULINAS: UMA
AUTOETNOGRAFIA A PARTIR DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES (2020-2022)

(Monografia apresentada para a obtenção de título
de Licenciado em Geografia pela Universidade
Estadual de Ponta Grossa)

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny

PONTA GROSSA
2025



ANEXO H – FOLHA DE APROVAÇÃO/ATA DA DEFESA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ATA DE DEFESA

Aos 10 dias do mês de novembro de 2025, na sala virtual “google meet”, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Almir Nabozny (Presidente-Orientador), Letícia Fraga (membro) e Adriana Gelinski (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título “*Corpo, Território e narrativas transmasculinas: uma autoetnografia a partir das publicações da Revista Estudos Transviados (2020-2022)*”, elaborado por **René Yuri Lemos**, concluinte do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, o autor teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado APROVADO.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

1) Presidente:  **ALMIR NABOZNY**
Data: 11/11/2025 10:57:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2) Membro 1:  **LETICIA FRAGA**
Data: 11/11/2025 11:22:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

3) Membro 2:  **ADRIANA GELINSKI**
Data: 12/11/2025 23:44:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ponta Grossa, 10 de Novembro de 2025 .



ANEXO G - DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Setor de Ciências Exatas e Naturais
Departamento de Geociências
Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, René Yuri Lemos RA: 22291102, RG:10.519.155-3, asseguro que o **Trabalho de Conclusão de Curso** foi por mim elaborado e, portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 27 de novembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br RENE YURI LEMOS
Data: 27/11/2025 15:10:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RESUMO

Esta pesquisa investiga as transmasculinidades a partir da articulação entre conceitos de corpo e território na Geografia, compreendendo a transição de gênero como um processo geográfico, político e existencial. O objetivo deste trabalho é analisar as próprias experiências da transmasculinidade a partir do corpo-território, articulando memórias, escrita e narrativas próprias e de outros sujeitos transmasculinos publicadas na Revista Estudos Transviados (2020-2022), relacionando a afirmação da identidade com o processo de disputa da masculinidade hegemônica. A pesquisa se fundamenta a partir de diálogos teóricos nos campos do gênero e epistemologias trans com Teresa de Lauretis (1987), Paul B. Preciado (2018) e Judith Butler (2019), e nos campos da Geografia e do território com Joseli Maria Silva (2009) e Rogério Haesbaert (2018; 2020). Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem autoetnográfica e de análise discursiva. Por fim, se indica nesta pesquisa a percepção do corpo transmasculino como território em constante movimento, que se faz e refaz a partir de diversas relações de poder. Afirmando o corpo como território, esta pesquisa amplia o diálogo entre a Geografia e os estudos trans, evidenciando que as experiências corporais dissidentes produzem outros modos de habitar o espaço e significar o mundo.

Palavras-chave: corpo-território; transmasculinidades; geografia e gênero; territorialidade; epistemologias trans.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - CORPO-TERRITÓRIO: UM DEBATE NA SEARA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E TRANSMASCULINIDADES	10
Identidade de gênero e transmasculinidades	10
Corpo-território	13
CAPÍTULO II - REESCRITAS DE SI: BREVE HISTÓRICO DAS ESCRITAS SOBRE TRANSMASCULINIDADES NO BRASIL	20
Autoetnografia	21
Revista Estudos Transviades	25
CAPÍTULO III - MASCULINIDADES EM DISPUTA	30
(1) Infância/Adolescência/Passado “cis feminino”	31
(2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE I	49

INTRODUÇÃO

A elaboração desse trabalho e sua constituição se deu de forma bastante orgânica no decorrer do meu percurso acadêmico no curso de Licenciatura em Geografia. Antes de ingressar nesse curso, me formei em Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2018. Esse primeiro percurso seguiu outros caminhos, quando ainda não me identificava como transmasculino, me voltando mais aos estudos da área ambiental. Depois disso, voltei a universidade em 2022, dessa vez cursando Licenciatura em Geografia e me identificando como transmasculino. O pesquisador René Yuri Lemos nasce nesse contexto de novas identificações acadêmicas, pela minha nova identidade ocupando esse espaço, por outras perspectivas de mundo que fui construindo no decorrer da transição, e por me inserir numa outra área da qual precisei me encontrar.

A partir do segundo ano de graduação, 2023, me envolvi em duas iniciações científicas que envolviam questões trans, sendo a primeira sobre análise das produções da Revista Estudos Transviades, e a segunda sobre a política do uso do nome social na educação básica no Estado do Paraná. Essas duas pesquisas foram orientadas pela Dra. Leticia Fraga, e co-orientação da travesti Mra. Ronna Freitas de Oliveira, o que me trouxe uma ampliação e maior experiência acadêmica pelos conhecimentos passados pelas minhas orientadoras, além de uma constituição transcetrada dessa produção.

A pesquisa que aqui apresento se iniciou pela oportunidade da iniciação científica de 2023, na área da linguística, onde me debrucei em analisar a Revista Estudos Transviades sob essa ótica. O encontro com essa revista foi bastante importante, me conectei com diversas histórias transmasculinas ali relatadas, conheci diversas transmasculinidades que se expressavam através da arte, e com isso também retomei meu gosto pela escrita. Nos anos que seguiram alguns trabalhos meus foram aceitos pela revista, com o texto *Enviadesci* (2022), com a história em quadrinhos *Xerecoboy* (2025), e também com a participação no livro *Masculinidades Outras* (2023), com o texto “Amores Inabaláveis”. Ou seja, a revista teve um papel importante na minha trajetória de vida e expressão artística como pessoa transmasculina, assim como na vida de outros/es tantos/es, e na constituição da memória das transmasculinidades.

A minha forma de escrita acadêmica também foi mudando, ao passo que carregava uma bagagem herdada da área das Ciências Biológicas. Aqui, fui estimulado a desenvolver uma escrita mais viva, me distanciando das propostas cartesianas do qual os espaços acadêmicos estão saturados. Adentrando no campo da ciência geográfica, me deparei com o conceito de território que me chamou bastante atenção, justamente por envolver aquilo que é chamado de “disputas de poder”, e que de alguma forma eu já “sentia” na vida a existência dessas disputas pela minha localidade no mundo, antes como lésbica-sapatão, e depois como pessoa transmasculina. Sentia que só o fato de existir já parecia uma disputa, precisava continuamente me afirmar no mundo. Sentia que “viver” o mundo também parecia uma disputa, visto que o Estado, as instituições, as leis, os discursos, negavam minha existência. Nas leituras sobre território, encontrei o termo “corpo-território”, onde comecei a compreender que as disputas de poder que estava inserido, também envolviam disputas de um território corporalizado.

Ao reler as obras da Revista Estudos Transviades, percebi que aqueles materiais contiam algo bastante valioso para os estudos do território na Geografia. Joseli Maria Silva (2009) afirma que o estudo de “grupos sociais invisibilizados” é “bastante árduo”, visto que “não possuem, em geral, registros documentais facilmente detectáveis, acessíveis e intercambiáveis”, e que “os acervos e arquivos não registram e resguardam as histórias de vida dessas pessoas”. Ou seja, a Revista Estudos Transviades se configura como um importante acervo de registro documentais sobre transmasculinidades, e que sobretudo é criada pelas próprias transmasculinidades em suas experiências de vida.

Por tanto, com esse trabalho busquei compreender as trajetórias espaço-temporais das transmasculinidades narradas na Revista Estudos Transviades, identificando as principais interdições espaço-temporais, e relacionando a afirmação da identidade corpo, com masculinidades em disputa. Desse modo, no primeiro capítulo apresento os conceitos fundamentais desse trabalho, caminhando pelas discussões de gênero, território e corpo-território. Por sua vez, no segundo capítulo apresento um breve histórico da escrita transmasculina no Brasil, justificando também a escolha da autoetnografia como metodologia num movimento de retomada da palavra, e descrevo como organizei as obras da Revista Estudos Transviades para análise. Por fim, no terceiro e último capítulo, utilizo dos conceitos de território e corpo-território para analisar de que

forma as disputas de poder em um território corporalizado acontecem, e como isso coloca as masculinidades em disputa.

CAPÍTULO I - CORPO-TERRITÓRIO: UM DEBATE NA SEARA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E TRANSMASCULINIDADES

Nesse primeiro capítulo me proponho a uma reflexão sobre a constituição das identidades e identidades transmasculinas, articulando os conceitos dentro dos campos discursivos de gênero, a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Busco compreender como o gênero se inscreve nas práticas discursivas, nas experiências corporais e nas espacialidades que configuram modos de existir, em que conceitos como território e corpo-território emergem como categorias importantes para pensar as relações entre identidade e poder, no qual o corpo se torna um espaço de disputa, resistência e possibilidade para existência de outras masculinidades.

Ao olhar para as transmasculinidades, busco compreender como esses corpos e trajetórias afirmam que o gênero se faz e se refaz nas relações de poder, no tempo e nos espaços que atravessamos. A transição, então, não é apenas uma passagem ou um ponto de chegada, mas um continuum, em movimentos que desorganizam fronteiras e desafiam a hegemonia das masculinidades normativas. Nessa travessia, o corpo torna-se arquivo vivo das transformações, um campo de invenção no qual a teoria e a experiência se encontram.

Aqui também circulo por discussões do corpo como espaço geográfico em permanente construção, atravessado por relações de poder, mas também produtor de novas territorialidades. Entendo que cada gesto, cada marca e cada deslocamento expressam modos de ocupar e significar o mundo. O corpo, nesse sentido, é também uma cartografia, com seus trajetos de dores e criações, que revela o caráter potente de existir em dissidência. Assim, pensar as transmasculinidades como corpo-território é afirmar que o espaço não está fora de nós, mas se faz em nossos corpos, no modo como nos movemos, nomeamos e transformamos a realidade.

Identidade de gênero e transmasculinidades

Compreendo que a transição de gênero é um processo contínuo do qual através das experiências vivenciadas no decorrer do tempo, pelos espaços que

circulamos, nossa autopercepção dentro dos campos de gênero podem ir se alterando e transformando. O que acontece é que quando nascemos, e até mesmo antes do nascimento, somos marcados por uma lógica binária e genitalista, que irá definir compulsoriamente, juntamente de outros símbolos, a categoria gênero da pessoa em questão. A partir desse marco inicial, constrói-se expectativas de uma trajetória marcada por inúmeras violências, dentro das imposições atreladas a esse corpo e a esta subjetividade, da qual essas expectativas também introjetam uma concepção de fixidez a identidade desse corpo. Stuart Hall (2006) coloca que uma das definições para identidade é a qualidade dela não ser fixa, essencial ou permanente, que é formada e transformada de modo contínuo, sendo definida historicamente e não biologicamente. Ou seja, as identidades não são fixas, mas fluem em sentidos diversos, e pelos campos de afirmação e negação se organizam a partir de processos relacionais, que conversam com marcações simbólicas sociais, históricas e culturais de determinada comunidade (Silva, 2009). Além disso, Hall (2006) elucida sobre a fantasia de uma fixidez de identidade:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (p.13).

Para além de um aparente comodismo como colocado na citação acima, os modos de existir e as identidades também estão em um campo de disputa tanto simbólico como material, do qual resultam em dominação e/ou resistência desses modos de existência, como coloca a geógrafa Gillian Rose (1997) ao dizer que a realidade socioespacial também se constrói a partir das relações de poder.

O rompimento com a noção de um “eu” essencial e natural, é argumentado pela filósofa feminista Judith Butler (2019), a qual defende que o gênero é algo que se faz continuamente em repetições, dentro de limites e restrições impostas por normas sociais e culturais, através de construções discursivas que moldam as possibilidades de reconhecimento do sujeito, tornando visíveis e legítimas apenas certas formas de existir. Ou seja, não é como se os sujeitos estivessem em uma performance teatral da qual existem restrições do que se possa ser, pelo contrário, são as restrições que produzem a dimensão da performatividade (Butler, 2019). É a dominação das restrições profundamente arraigadas que impõem a fixidez das identidades e sua condição de “natural”, limitado não apenas pelo que é difícil de

imaginar, mas pelo que permanece inconcebível, sobre a sexualidade Butler (2019) destaca:

[...] no domínio da sexualidade, essas restrições incluem o caráter radicalmente inconcebível de desejar de outra forma, o caráter radicalmente intolerável de desejar de outra forma, a ausência de certos desejos, a compulsão repetitiva dos outros desejos, o repúdio permanente de algumas possibilidades sexuais, pânico, atrações obsessivas e o nexo de sexualidade e dor (p.174-175).

Pensando nos processos de transição de gênero, a reflexão de Butler sobre sexualidade me evidencia que as normas que moldam o gênero estruturam aquilo que pode ser vivido, reconhecido e sentido, por imposições que atravessam o corpo, o desejo e a afetividade, sendo o corpo e a subjetividade produzidos em meio a relações de poder e as práticas discursivas que orientam, restringem, normalizam e universalizam a experiência, tornando apenas determinados modos de ser e desejar possíveis, enquanto outros se tornam inconcebíveis sendo estes silenciados, apagados ou patologizados.

Nossas experiências (trans) vivenciadas no decorrer do tempo, pelos espaços que circulamos, podem fazer com que nossa autopercepção dentro dos campos de gênero se alterem e se transformem. Nesse sentido, quando adentramos nesse processo, existem marcações simbólicas que, conscientemente ou não, passam a fazer parte de nossas vidas e de nossos cotidianos, como meios de marcar social e culturalmente esse processo que estamos experienciando, e definir para quem nos cerca que a partir daí, existe um processo de transformação dentro dos campos do gênero.

Essas marcações são o que Preciado chama de próteses corporais, que são como tecnologias amalgamadas no corpo como roupas, hormônios, cirurgias, e tudo aquilo que compõem um arcabouço de simbologias referentes a construção do sexo-gênero-desejo:

A certeza de ser homem ou mulher é um ficção somatopolítica produzida por conjuntos de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam que definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação. “Sou mulher”, “sou homem”, “sou heterossexual”, “sou homossexual”, “sou transexual”: estas são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre si mesmo, agindo como núcleos simbólicos rígidos em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de discursos e práticas performativas. (Preciado, 2018, p. 127).

Nesse mesmo escopo a autora Teresa de Laurentis (1987) formula o conceito de “tecnologias de gênero”, no qual declara que o gênero não é inato, mas são efeitos produzidos nos corpos, sendo representações que têm implicações no real, e que essas representações são a própria construção do gênero. Para Laurentis (1987) essas representações perpassam diversos tempos e esferas sociais como nos esportes, família, na academia, na comunidade intelectual, e também nas teorias radicais como as feministas.

Portanto, como Stuart Hall (2006), entendo que a identidade não é fixa, essencial ou permanente, também como Judith Butler (2019) compreendo a identidade de gênero como performativa, em que utilizamos de “tecnologias de gênero” definida por Teresa de Laurentis (1987) amalgamadas no corpo como próteses corporais, como articula Paul B. Preciado (2018). Dito isso, entendo que se auto afirmar como pessoa transmasculina, não significa a busca pela masculinidade hegemônica, mas como um processo contínuo de reconstrução identitária e resistência performativa, afirmando a existência de outras masculinidades possíveis. Esse processo não é apenas corporal mas também ontológico e simbólico, visto que essa afirmação questiona a própria inteligibilidade dos corpos e dos desejos reconhecidos como legítimos. Se existe uma construção de gênero, e consequentemente uma construção nos modos de ser, também é possível que se construa outras formas de ser no mundo, não necessariamente novas, mas que se mostram em outros formatos no decorrer da história.

Corpo-território

Para poder adentrar nas discussões sobre corpo, território, e corpo-território, é fundamental compreendermos que de forma geral, os conceitos geográficos existentes e consolidados surgem a partir de problematizações, e que segundo Haesbaert (2018), a constituição desses problemas sempre são geo-historicamente situados, ou seja, os conceitos são profundamente mutáveis e contextualizados geográfica e historicamente. Dessa forma, os sujeitos que formulam essas problematizações, estão localizados espacial e temporalmente, e possuem marcadores específicos em seus corpos (Oliva, 2022), e é através desses sujeitos que os conceitos são mobilizados e “criam vida”.

Partindo dessa colocação sobre espaço e tempo, o conceito de espaço-tempo, em sua condição de espaço geográfico, existe em uma relação de indissociabilidade entre espacialidades e temporalidades, pensando no mundo em sua coexistência e simultaneidade dos fenômenos (Haesbaert, 2018). Nesse ponto, o espaço envolve tanto materialidade quanto a imaterialidade, tanto os objetos quanto os sujeitos e suas ações, e além disso o conceito de espaço denota a existência de múltiplos espaços, sejam abstratos ou não, que coexistem e se relacionam (Haesbaert, 2018). Com isso é possível pensar que o espaço geográfico em suas múltiplas existências, está sempre em construção, e isso significa que existe em si uma dimensão mutável. O que quero dizer é que, se o espaço geográfico é múltiplo, isso significa a possibilidade de construção de novos/outros espaços; e se ele é relacional, significa que através da interação desses espaços existe a possibilidades de mudanças. É nesse sentido que segundo Haesbaert (2018), a multiplicidade espacial seria então a condição para a geração da temporalidade, pois o tempo é entendido como transformação, processo, duração, e somente com a existência de interação entre múltiplos espaços é que é possível gerar o 'tempo'.

É a partir dessa grande categoria de espaço-tempo que podemos adentrar em outro conceito geográfico fundamental na construção desse trabalho. Quando analisamos esse espaço através de questões ligadas às relações ou práticas de poder, estaremos trabalhando de alguma forma o espaço enquanto território (Haesbaert, 2018). Através dos estudos latino-americanos, a percepção e conceituação de território vai muito além de questões jurídico-políticas, e da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal - sendo esta o viés das geografias eurocêtricas -, mas dialoga com os movimentos sociais em defesa da própria vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial (Haesbaert, 2020). Aquilo que chamamos de poder envolve sujeitos que dominam não somente dimensões terrenas, mas também suas dimensões simbólicas, culturais e subjetivas, através de um controle social (Haesbaert, 2018) que é espacializado ou promovido pela intervenção no espaço (território). Em contrapartida, essa dominação também envolve sujeitos que se opõem a determinadas lógicas estruturais, implicando em sujeitos que resistem. Se no espaço-tempo existem interações entre múltiplos espaços, aqui essas relações sociais são compreendidas como relações de poder, e

por tanto existe multiplicidade de poderes incorporados através de múltiplos sujeitos (Haesbaert, 2018). Assim, é preciso distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, e também os objetivos desse controle social que varia conforme a sociedade, cultura, ou grupo, compreendendo que esse controle social visa atingir, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos ou relacionamentos, como Haesbaert (2018) pontua ao citar Sack (1986). Então, discutir território é também discutir territorialidades, visto que essa diz respeito à experiência existencial e relacional do território, ou seja, as formas pelas quais as pessoas se organizam no espaço e como dão significados a ele, como Sack (1986 *apud* Haesbeart 2018):

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significados (p. 219).

Voltando a discussão inicial sobre a criação de conceitos a partir de sujeitos localizados espacial e temporalmente, e que esses possuem marcadores específicos em seus corpos, precisamos compreender primeiramente quais são esses sujeitos que vieram construindo a ciência geográfica no decorrer dos anos, e o que essa construção impacta e molda o pensamento geográfico. O primeiro ponto é a ausência e o silêncio de determinados grupos sociais como agentes produtores do discurso científico geográfico, pois como bem coloca a geógrafa brasileira Joseli Maria Silva (2009), a Geografia científica é um campo de saber produzido em relações de poder, e que somente quando nos colocamos em posição crítica em relação às “verdades” hegemônicas difundidas no pensamento geográfico, entendendo o discurso geográfico como uma construção social, é que conseguiremos compreender quais são e os porquês de determinados grupos sociais estarem ausentes na construção do discurso científico geográfico. Quando se fala sobre construção social, é indiscutível que os sujeitos inseridos nesse contexto são possuidores ou não de privilégios, que perpassam marcadores sociais como raça, gênero e classe, dificultando o acesso a essa discussão/construção da Geografia por pessoa não-brancas, não-heterossexuais, mulheres cisgêneras e pessoas trans, entre outras. É nesse ponto que compreendo, assim como Silva (2009), que legitimação e naturalização dos discursos hegemônicos estabelecem uma geografia branca, (cis)masculina e heterossexual, devido a esses sujeitos com

esse marcadores sociais serem justamente os criadores desse discurso.

As mudanças produzidas que vieram a acontecer no pensamento geográfico, se dão justamente pelas tensões estabelecidas entre os grupos subalternizados em relação a esse grupo dominante privilegiado, emergindo dessa forma as chamadas “geografias feministas” (ou melhor, geografias subalternas), com o objetivo de desafiar o hegemonia científica e reivindicar outras versões dando visibilidade a grupos sociais silenciados historicamente (Silva, 2009). Nos anos 70 do século XX, na segunda onda feminista, foi iniciado um movimento interno na Geografia do qual algumas de suas pautas eram a centralização de investigações geográficas sobre as mulheres, e o tensionamento sobre conceitos e metodologias que sustentavam a hegemonia da geografia masculina (Silva, 2009). É importante salientar que o movimento feminista nesse momento discutia hegemonicamente relações de gênero sob uma perspectiva de centralidade na mulher cisgenera branca, e portanto o olhar ali empregado era um *olhar cisgênero* sobre o mundo, ou seja, quando se falava em homens e mulheres, masculino e feminino, o que estava sendo dito dialogava somente sobre identidades cisgêneras (Kass, 2012). De fato, de alguma forma as investigações dentro desse campo possibilitou posteriormente desdobramentos que articulavam sobre interseccionalidade a partir de perspectivas de pensamentos feministas negros, e uma criticidade relacionadas as exclusões de pessoas em dissidência de gênero nesse campo do discurso geográfico. Inclusive Gillian Rose (1997) argumenta a necessidade de situar o conhecimento, pois este se baseia que, o tipo de conhecimento produzido depende de quem o produz. Gillian Rose (1997) também traz na discussão autoras como Donna Haraway e Sandra Harding, argumentando que todo conhecimento é marcado por suas origens e negar essa marcação é fazer falsas alegações de conhecimento universalmente aplicável, sendo esta uma crítica feita à maneira como o feminismo hegemônico ignoravam as especificidades de outros corpos não-normativos.

Nesse escopo das “geografias feministas”, Silva (2009) ao citar a geógrafa Janice Jones Monk (1993), aponta que foi criado dualidades oposicionais presentes no pensamento científico que organizou um universo masculino e feminino de forma hierarquizada, em que a objetividade e a racionalidade na análise espacial foi incorporada como atributo masculino, e privilegiada frente ao que era colocado como sua oposição sendo o feminino, como corpo, emoções e subjetividades,

aspectos considerados “primários”. Os trabalhos até a década de 70 do século XX eram voltados a descrições relacionadas a desigualdades de gênero sobre mapeamento de padrões espaciais e produções estatísticas sobre a categoria mulher (cis) (Silva, 2009). Entretanto, posteriormente, as análises feitas sobre a categoria mulher (cis) foi sendo superada aos poucos, justamente pelo entendimento da associação deste termo aos aspectos biológicos do corpo que muitas geógrafas feministas se opunham (Silva, 2009).

É nesse momento que segundo as autora Sofia Zaragocin juntamente com a autora Martina Angela Caretta (2020), elucidam em seu trabalho que na década de 90 do século XX, geógrafas feministas se voltaram aos estudos do corpo e das emoções, em contrapartida a ontologia cartesiana ocidental, racional e masculinista, da separação da mente e do corpo, da valorização do racional em detrimento do emocional, levando à incorporação de novas terminologias na Geografia, como “corporeidade” e “emoções”. Também é argumentado por Joseli Maria Silva (2009), que o movimento das teorias *queer* e feministas dos anos 90 além de tensionar a forma que se fazia Geografia também firmou o compromisso político de justiça social e desmantelamento do poder da ciência geradora de hierarquias sociais. Além disso, a autora também traz que é importante considerar a indissociabilidade entre o material e o discursivo, ou seja, o corpo, as sensações, as emoções, e os desejos devem ser considerados como equivalentes e integrantes dos valores atribuídos a racionalidade e a mente (Silva, 2009), destituindo então essa noção dicotômica de características atribuídas como campos de saberes femininos (atribuídos de forma a subalternizar-vos) e masculinos.

A centralidade do corpo na teoria do espaço social já era abordada por Lefebvre (2006 [2000]) em sua obra clássica *The production of space* de 1974, na qual o autor coloca que “antes de produzir (efeitos, na matéria, nos instrumentos e nos objetos), antes de se produzir (se alimentando) e de se reproduzir (pela geração de um outro corpo) cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele aí se produz e o produz” (p. 238). O autor traz o corpo como um elemento bastante importante para compreensão do espaço, sendo o corpo um espaço que é produzido em si, e ao mesmo tempo produtor do espaço àquele que está inserido, e isso pressupõe considerar as diferenças dos corpos que são componentes do processo (Campos; Silva, 2020).

Camila Xavier Nunes (2014) em sua tese “Geografias do Corpo”, enfatiza o reconhecimento do corpo como categoria central na análise espacial:

[...] tornou-se indispensável situar o corpo como conceito e prática culturalmente produzida, como também reconhecer a centralidade de sua posição na produção do espaço geográfico – o próprio sujeito da pesquisa se confunde com o objeto que é foco da investigação (Nunes, 2014, p.03).

Dessa forma, o corpo se torna um importante campo a ser estudado dentro da Geografia, tal como salienta Lewis e Pile (1996 *apud* Silva 2009):

Estas geógrafas sustentam que os corpos vivos não são ingênuos e meros instrumentos de um sistema de significações e poder que comunica normas culturais. Pelo contrário, os corpos atuam, exercitam suas performances e, ao executá-las, abrem caminho para o novo, que pode representar também resistência ao sistema. Então, o corpo não é entendido como algo dado, mas como um processo. Isso porque o corpo do ser humano está sempre em contato com o ambiente. Sua anatomia, suas ações, suas funções são indissociáveis de sua espacialidade e, assim sendo, não existe corpo sem espaço, mas uma unidade complexa. Para compreender este corpo vivo, sempre em ação por meio do espaço, Greiner (2005) propõe que este movimento seja compreendido pela corporeidade, o que ela chama de uma “subversão” estética da categoria tradicional de corpo. Nesse sentido, a corporeidade tem duplo sentido. Ela é compreendida como a simultaneidade da estrutura anatômica do corpo em relação ao espaço, sem distinguir, portanto, um corpo biológico e um corpo cultural, que são inseparáveis e interdependentes (p. 128).

Portanto, ao afirmar que existe indissociabilidade entre o corpo e o espaço, e que este compõe uma unidade complexa, compreendo que existe um rompimento com a ideia de que o espaço, e também o território, são como cenários de relações sociais e disputas de poder, mas que existe algo co-construído pelas práticas corporais, onde o corpo transforma o espaço e é, simultaneamente, transformado por ele (Nunes, 2014).

Trago aqui alguns pontos importantes na discussão: (1) conceito de espaço denota a existência de múltiplos espaços, sejam abstratos ou não, que coexistem e se relacionam; (2) as noções de território podem ir muito além da lógica estatal; (3) o corpo vivo é um espaço e tem seu espaço; e (4) o corpo transforma o espaço, e é transformado por ele. Através dessas argumentações, compreendo o corpo como um território, visto que (1) existem uma multiplicidade de corpos que coexistem e se relacionam através do campo social e cultural; (2) o corpo foge justamente dessa lógica que coloca o território como sendo uma porção de terra delimitada sob jurisdição estatal; (3) se o corpo vivo é um espaço, ele também pode ser território

visto que existem relações de poder entre corpos e seus marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade e classe social, que impõem dominação e resistência; e (4) se o corpo transforma o espaço, e é transformado por ele, então disputas de poder podem ocasionar essas transformações, característica do que seria um território. Ou seja, o corpo é por si mesmo território daquele que o produz/constrói/concebe, e as corporalidades trans são produzidas por nós mesmos, ao passo que também somos agentes produtores do espaço-território que nos cerca. A corporeidade trans constrói nossa subjetividade e como nos colocamos no mundo, e as sensações corporais e emoções experienciadas neste corpo produzem o corpo-território.

Em resumo, compreender o corpo como território significa reconhecer que as dimensões do espaço, sejam estas dimensões simbólicas, políticas e materiais, se entrelaçam na constituição do ser no mundo. Aqui, percebo como conceitos como espaço, corpo e território são categorias em movimento. Compreendo que o corpo não é apenas um suporte biológico ou um amontoado de carne, mas um campo em disputa constante, formado por memória, história e identidade. Olhar para o corpo como um território significa romper com concepções definidoras e universalizantes, reconhecendo que há multiplicidade. Assim sendo, os corpos trans, quando se reinventam e se produzem ativamente, se criam no potencial político e epistêmico do corpo-território como esse lugar de saber e reivindicação.

CAPÍTULO II - REESCRITAS DE SI: BREVE HISTÓRICO DAS ESCRITAS SOBRE TRANSMASCULINIDADES NO BRASIL

A existência de nós, pessoas trans, não é um fenômeno recente, e pode ser observada em diversos períodos históricos, como por exemplo, a história de Xica Manicongo (Jesus, 2019), que viveu no século XVI, e é considerada hoje como a primeira travesti não indígena brasileira. Entretanto, me coloco aqui a discutir sobre as existências transmasculinas, das quais os registros documentais são ainda mais escassos, mas não ausentes. Como exemplo de fora do Brasil, trago a história de São Marino, um monge que viveu no Líbano no século VI, sob uma identidade masculina e que, após sua morte foi descoberto o seu corpo com vagina, foi canonizado pela igreja católica como Santa Marina (São Marino, 2022). São Marino, em seu tempo vivido, não era reconhecido como sendo uma pessoa transmasculina, assim como Xica também é reconhecida como travesti anacronicamente, por estas serem identidades muito mais recentes que o período em que viveram. Entretanto, registros como esse nos trazem pistas sobre a existência de dissidências de gênero durante a história.

No Brasil, pensando em um tempo mais recente, é a partir do século XX que há materiais jornalísticos, ainda sensacionalista, abordando o assunto como “mudança de sexo”, “mulher que virou homem” e afins, como o caso de David Pereira Soares, em 1917, na cidade de Belo Horizonte (MG); Arlete Lins Barros (única referência sendo seu nome civil), em 1938, na cidade de Maceió (AL); e Custódio de Jesus Correia, em 1952, na cidade de Silvianópolis (MG), sendo algumas dessas pessoas também intersexo (Tenório; Palhano, 2022). Estes foram alguns exemplos de casos noticiados pela mídia brasileira em um momento em que conceitos como “homem trans”, “tranhomem”, “pessoa transmasculina”, e afins ainda não tinham a presença e circulação conceitual que têm hoje por aqui. Também pontuo que boa parte dessas matérias nessa época eram produzidas por terceiros, muitas vezes com o objetivo de “exotificar”, debochar do monstruoso, do pecado, da aberração, e não pelas próprias pessoas que experienciaram no corpo a vida (Tenório; Palhano, 2022).

As primeiras publicações de pessoas transmasculinas retratando suas próprias vidas e que hoje são amplamente reconhecidas dentro e fora da

comunidade trans aconteceram no século XX na década de 80. Em 1982, Anderson Herzer conhecido como “Bigode”, nascido no Paraná, e residente de São Paulo, teve seu livro autobiográfico publicado com o título de *A Queda para o Alto*; e em 1984, João W. Nery, residente do município de Rio de Janeiro, lança o livro *Erro de Pessoa: Joana ou João?*, também autobiográfico (Tenório; Palhano, 2022). Essas obras, diferentes da maioria dos registros vinculados pelas mídias em décadas passadas, são registros de memórias e experiências vividas pelos próprios autores, e que por serem autobiográficas começam a possibilitar construir novos sentidos sob as identidades transmasculinas. Benjamim Neves (2015), em sua dissertação de mestrado, escreve que desde 2010 se observa uma crescente visibilidade das transmasculinidades, e que a visibilidade midiática da autobiografia de João W. Nery – reeditada e lançada em 2011 como “*Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*” –, pode ter sido um dentre outros diversos fatores que contribuíram para a emergência de nosso segmento populacional no Brasil.

É inegável o papel fundamental das redes sociais e da internet na democratização desse debate, sendo bastante comum a produção de fóruns on-line para debater sobre questões trans, o que possibilitou uma ampliação da discussão, que até então era restrita a um campo clínico e criminal. Muitos dos processos de pessoas trans referente ao entendimento quanto a sua identidade de gênero, bem como informações a respeito de hormonização, cirurgias plásticas, entre outras práticas foram acessadas pela primeira vez através das redes sociais (Lucena, 2025). Além disso, Ávila (2014) nos conta através da sua pesquisa etnográfica sobre transmasculinidades no Brasil, que o conhecimento sobre hormonização é bastante compartilhado entre transmasculinos, em que as discussões sobre dosagens, formas de aplicação, marcas e efeitos da testosterona, são construídas de forma coletiva a partir dos relatos de suas experiências. Com isso, as transmasculinidades criam continuamente um espaço em rede de saberes coletivos, voltados ao fortalecimento da nossa comunidade transmasculina, e tomando o protagonismo dos nossos próprios processos.

Autoetnografia

Início essa seção trazendo as noções e conceitualizações da minha escolha do fazer autoetnográfico do qual construo essa pesquisa. Quando a geógrafa Gillian Rose (1997) escreve que a realidade socioespacial também é construída por relações de poder, ela também argumenta que ao realizar pesquisas é necessário ter uma postura reflexiva sobre os “resultados” e sua interpretação, visto que devido a essas relações de poder, o processo investigativo pode produzir hierarquias. Isto é, as interpretações da realidade construídas por nós, pesquisadores/as, tendem a exercer maior influência e legitimidade diante de outros saberes sociais, inclusive sendo este um problema frente aos grupos sociais que pesquisamos (Rose, 1997). Além disso, todos os registros dos processos investigativos, sejam fotos, diários de bordo, entrevistas, e afins, perpassa pelo corpo do agente pesquisador que já possui uma bagagem teórica e de vida anterior a pesquisa, da qual também se inscreve nessas interpretações, acarretando em produções de realidades equivocadas. Essas produções de realidades se firmam na materialidade podendo inclusive gerar estereótipos e práticas discursivas sobre determinados grupos, que a depender da pesquisa, já serão grupos que historicamente foram silenciados, invisibilizados e/ou marginalizados. Ou seja, ao invés de dar voz e visibilidade a determinados grupos sociais - que é o que muitas pesquisas se propõem a fazer - pode acabar acarretando em novas visões estigmatizadas. Rose (1997) também afirma que “o poder no campo científico, assim como todo o poder, é relativo e que existem fissuras, através das quais se pode transgredir o padrão instituído, por meio de táticas desconstrucionistas à ordem estabelecida. E é nesse ponto, nessa fissura que eu penetro ao escolher o procedimento teórico-metodológico da autoetnografia para a construção desse trabalho, como faz o transmasculino Bernardo Mota Lopes (2022), e a travesti Viviane Vergueiro (2015) em suas dissertações de mestrado.

Algumas das preocupações e incômodos que percorreram a pesquisa, assim como Lopes (2022) e Vergueiro (2015), foi sobre o distanciamento que o “método científico” nos propõe exercer, criando uma lacuna entre o “objeto” de estudo, e o agente pesquisador. Se a pesquisa que me proponho a fazer é justamente sobre a comunidade que pertenço e construo diariamente, como posso me distanciar de modo impessoal como alguém que somente observa e coleta dados, como alguém que não vive na carne todos os relatos estudados? Como Vergueiro (2015) discorre, existiu em mim também uma sensação incomoda na investigação da pesquisa, por

ora assumir um papel de pesquisador, num lugar de distanciamento em relação as minhas vivências trans, e ora como um ‘campo de estudo’ da produção de conhecimentos e carreira do pesquisador cisgênero. Algumas vezes durante a elaboração da escrita desse trabalho que aqui apresento, fui questionado sobre a escolha do uso da escrita em primeira pessoa, como se fosse pouco acadêmico, ou como se eu precisasse de mais experiência acadêmica para sustentar a decisão da minha escolha. Dentre alguns parágrafos que escrevi sobre minha vivência, me foi questionada a ausência de referências para o que eu dizia, e eu retornava colocando que “não existia referência para o meu relato pessoal a não ser eu mesmo”, que eu era a minha própria fonte em alguns pontos. Sobre isso me foi sugerido mudar a forma de escrita, que “criar” coisas deveriam ficar para o doutorado. Não existe nada aqui que seja uma criação mirabolante, visto que quando relato, por exemplo, que “a transição de gênero é um processo contínuo”, trago algo que não está nos livros e nas publicações acadêmicas - ainda que existam também outras pessoas trans falando a mesma coisa sobre si mesmas -, mas sim uma escrita viva sobre o que me atravessa, e que por vezes também é afirmada entre os meus. Vergueiro (2015) pontua muito bem o que percebo em relação a isso:

Afinal, o texto acadêmico se dirige às pessoas trans, às travestis, às mulheres e homens trans e transexuais, ou se restringe a falar sobre elas, supondo (e produzindo) nossa inexistência na academia? E, se fala sobre elas, fala sobre elas para quem, e para quê? (p. 22).

Existo na academia e uso essa forma de escrita não pela inexperiência e/ou incapacidade acadêmica, muito menos pela ingenuidade, pelo contrário, eu faço essa escolha e escrevo dessa forma como um posicionamento político, sem neutralidade e corporalmente localizado. Esse modo de produzir não é, jamais, uma proposta individualizada. Como bem busco demonstrar aqui, observar nossos modos pessoais de circular no mundo, sempre em um movimento dialógico-relacional, possibilita pensar, mergulhar e problematizar os processos sistêmicos de violência coletiva a que somos, pessoas trans, e aqui mais especificamente transmasculinas, submetidas.

Dessa forma, é preciso que eu faça um retorno ao que me levou até a elaboração deste trabalho. Antes de me entender como uma pessoa transmasculina, estive inserido em um contexto lésbico-sapatão, onde meus *roll* de

interesses e produções circulavam por esse campo de forma mais autônoma e “não-acadêmica”, como escritas poéticas e produções audiovisual para editais de arte na cidade. Quando me entendi uma pessoa transmasculina, me debrucei a ler e a produzir em outros campos, o das transidentidades. Primeira obra que eu tive acesso a leitura foi *Testo Junkie* (2018) de Paul B. Preciado, na qual o autor constrói no campo teórico do gênero investigações a respeito de como o corpo, o gênero e a sexualidade são produzidos e regulados no contexto contemporâneo por meio de tecnologias farmacológicas e midiáticas, mas para além disso, o grande encantamento por essa obra se deu pela sua autobiografia costurada a essa produção teórica, em que Preciado narra suas experiências com o uso de testosterona de forma bastante disruptiva aos protocolos biomédicos tradicionais, transformando seu próprio corpo em campo de experimentações. Depois disso, tive contato com mais algumas obras, a autobiografia “Viagem solitária: A trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade” (2019), de João W. Nery; a autobiografia póstuma “A Queda para o Alto” (1982), de Anderson Herzer; a autobiografia em *graphic novel* “Monstrans: experimentando hormormônios” (2021), escrita e ilustrada por Lino Arruda; e a ficção estadunidense “Stone Butch Blues” (1993) de Leslie Feinberg, que embora seja uma ficção é inspirada pela própria vida de Leslie. Todas essas obras tiveram impacto fundamental na constituição da minha identidade, sendo que todas elas têm pontos específicos em comum, como a transgeneridade e o uso de diversas tecnologias de gênero - hormônios, cirurgias, roupas, nome social. Mas para além desses pontos em comum, as obras também foram escritas pelas próprias pessoas em suas experiências de vida, como uma retomada da palavra por corpos que foram compulsoriamente apagados e invisibilizados por relações de poder no decorrer da história do mundo.

A partir disso, pensando a autoetnografia como metodologia de pesquisa, trago Ellis e Bochner (2000) e o trabalho em que pontuam que o termo “autoetnografia” existe e está em circulação há pelo menos duas décadas. Também Ellis, Adams e Bochner (2015) conceitualizam a autoetnografia como sendo uma abordagem de escrita e investigação que analisa a experiência pessoal (auto) com o objetivo de compreender a experiência cultural (etno), na qual aplica princípios da autobiografia e da etnografia. “Assim, como método, a autoetnografia é, por sua vez,

processo e produto” (Ellis; Adams; Bochner, 2015, p. 250). Dessa forma, a compreensão dos fenômenos sociais e culturais articula com a experiência pessoal do agente pesquisador, ou seja, as posições e influências subjetivas fazem parte do processo da pesquisa, ao contrário de negá-las (Lopes, 2022).

A autoetnografia tem um papel importante na produção de saber trans acadêmica, que possui um viés interessante de observar sua própria experiência para pensar o mundo (Vergueiro, 2015). Esse movimento contra hegemônico é importante de ser reconhecido pois se coloca na contramão de proposições racionalistas de produção de saber, de distanciamento epistemológico e impessoalidade intelectual, como citado na discussão abaixo por Kilomba (2010 *apud* Vergueiro, 2015):

Assim, o exercício da autoetnografia, e desta autoetnografia trans em particular, intenciona efetivar e catalisar recusas epistemológicas fundamentadas na ideia de que, para descolonizar o conhecimento, faz-se necessária “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo, de forma a “apresentar uma possibilidade de produção de conhecimento emancipatória alternativa” (p. 32).

É sobre esse movimento emancipatório de retomada da palavra que proponho a construção desse trabalho. Então, a proposta é justamente mergulhar nas experiências transmasculinas, narradas em escritas literárias de si, juntamente com minhas próprias narrativas, conduzindo essa análise também me pautando em conceitos geográfico de território e corpo-território para compreender as disputas de poder que envolvem as corporalidades transmasculinas e masculinidades hegemônicas.

Revista Estudos Transviades

A Revista Estudos Transviades surge no ano de 2020 com o intuito de promover um espaço de acolhimentos para pessoas transmasculinas, além de trocas e produção de conhecimento, livre de demandas academicistas, sendo esta amplamente reconhecida dentro da comunidade trans, sobretudo tudo pelas transmasculinidades. Os materiais de aceite da revista podem ser de cunho literário, artístico e acadêmico, produzidos somente por pessoas que se declaram transmasculinas na submissão dos textos. Ou seja, a revista se revela também

como grande um acervo de memórias desse segmento populacional, em que a produção do material, a organização e a revisão são feitas somente por transmascs, mas o acesso se destina a todas as pessoas que desejarem conhecer a amplitude das transmasculinidades fora de uma lente cisnormativa e patologizante.

Desde 2020 até o ano de 2025 foram lançadas 11 edições da revista, além do lançamento do zine “Zine Estruturas da Buceta - Hackers de Gênero”, do levantamento “Mapeamento Educacional das Transmasculinidades no Brasil” em parceria com o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), e do dossiê “Dossiê Especial Gravidez, Aborto e Parentalidades nas Transmasculinidades” pela Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH).

A partir da leitura dessa revista, me propus a analisar algumas obras publicadas, com o intuito de compreender as trajetórias espaço-temporais das transmasculinidades nas obras publicadas na Revista Estudos Transviades. Vale ressaltar que o olhar lançado aqui é um olhar de um corpo transmasculino para produções e discussões transmasculinas, ou seja, o levantamento e análise bibliográfica que perpassa por um corpo, que sendo este e não outro, é capaz de captar certas nuances viscerais deste lugar.

Em primeiro momento, fiz o levantamento bibliográfico das produções publicadas em 6 edições da Revista Estudos Transviades, entre o período de 2020 a 2022, mostradas na Figura 1, observando os encontros e distanciamentos das experiências e produções transmasculinas brasileiras.

Figura 1 - Capa das 6 edições analisadas da Revista Estudos Transviades, nos anos entre 2020 a 2022.



Fonte: Adaptado de Revista Estudos Transviades, s.d. Disponível em: <https://www.revistaestudostransviades.com/s-projects-basic> Acesso em: 20 nov. 2025.

A partir de categorização própria da revista, as publicações foram organizadas como **(a) artístico**, **(b) literário** e/ou **(c) acadêmico**, que é como a revista nomeia os materiais de aceite em sua descrição. A seleção para análise foi feita observando apenas as obras categorizadas como sendo do tipo **(b) literários**, pois entendo que estas trazem conteúdos descritivos como relatos pessoais de memória, presente e perspectivas de futuro, e ainda que algumas não relatem de forma direta, trazem pistas sobre essas experiências que passo a rastrear a partir de processos de leitura subjetiva e autoetnografia. As obras do tipo **(a) artístico** não foram analisadas nesse trabalho, pois possuem abertura maior a interpretações diversas por se tratarem de desenhos, gravuras e pinturas. Estas produções podem ficar para análise futura em outras pesquisas. Já as publicações do tipo **(c) acadêmicos** também não foram utilizadas na análise por se tratarem de textos mais teóricos e não possibilitarem uma leitura tão aproximada quanto os “literários”. Esse levantamento realizado consta organizado na tabela do Apêndice I.

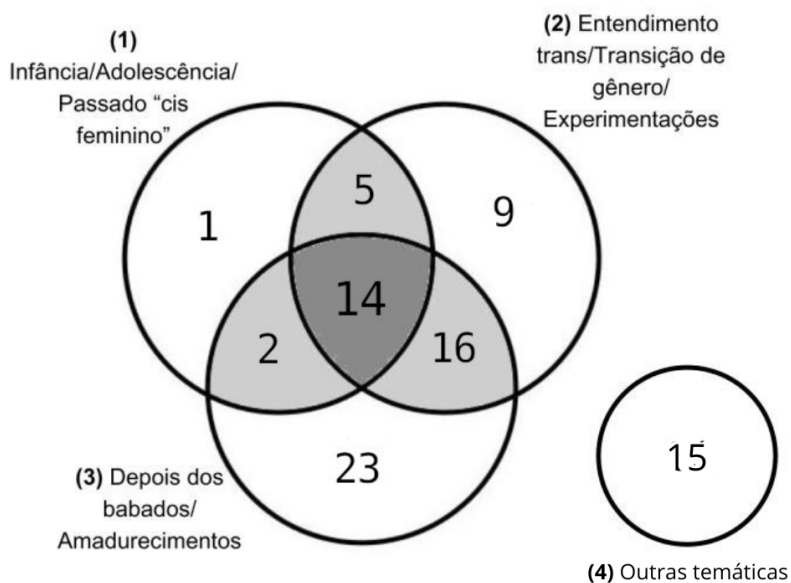
Depois disso, as obras foram organizadas com o título, autoria, paginação, tipos (artístico, literário e/ou acadêmico - categorização da própria revista), e também categorizadas em 4 temáticas, sendo as três primeiras partindo da análise espaço-temporal experienciada pelas transmasculinidades, e a última um agrupamento de obras que discorrem sobre outras questões e que não puderam ser identificadas suas temporalidades. As categorias foram intituladas **(1) Infância/Adolescência/Passado “cis feminino”**, **(2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações**, **(3) Depois dos babados/Amadurecimentos**, e **(4) Outras temáticas**, organizadas por mim.

As escolhas dos nomes das 3 primeiras temáticas reverberam sobre a temporalidade trans observada nas escritas dos/des autores. Para a categoria **(1) Infância/Adolescência/Passado “cis feminino”**, foram organizadas as obras que trouxessem questões relacionadas a infância e adolescência, e suas tensões primárias sobre normas de gênero. Ainda nesta temática foram selecionadas as obras que mencionassem um “passado cis feminino”, ou seja, um momento “anterior” à transição, quando as pessoas estavam vivendo sobre a imposição de uma identidade feminina; importante frisar que alguns conflitos de identidade não necessariamente serão percebidos na infância ou adolescência. Para a temática **(2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações**, foram agrupadas as

obras que descrevessem a travessia relacionada à transição de gênero, com obras que descrevem sentimentos de inadequação, conflitos sociais e pessoais relacionados ao se "entender trans", e as experiências corporais e sociais subsequentes a esse entendimento com uso de tecnologias como hormônios, binders, roupas e cortes de cabelo. Ou seja, diferente da temporalidade da temática anterior, aqui os/es sujeitos/es ou não estão discorrendo sobre seus passados antes da transição, mas sim sobre o processo único de estar em transição. Na temática **(3) Depois dos babados/Amadurecimentos**, foram agrupadas as publicações que trouxessem perspectivas mais amadurecidas após algum tempo de transição, onde os conflitos já necessariamente são os mesmos, e os posicionamentos frente ao mundo também acabam tomando outras formas. E, por fim, na temática **(4) Outras temáticas**, foram organizadas as obras que não versassem necessariamente sobre "ser trans", mas outras temáticas de interesse pessoal da autoria, essas das quais, como já foi falado anteriormente, são obras que as temporalidades não puderam ser identificadas.

A análise feita das 6 edições da Revista Estudos Transviades mostrou 125 pessoas transmasculinas e/ou não-binárias autoras, distribuídas em 211 publicações da revista que foram tipificadas como **(a) artísticas**, **(b) literárias** e/ou **(3) acadêmicas**, dispostas nos quadros do Apêndice I. Considerando os dados quantitativos elencados na tabela, observamos agora as publicações alocadas na tipificação (b) literário, sendo estas as usadas para a análise. Foram encontradas 85 publicações, que foram analisadas e organizadas nas quatro categorias já citadas. Entendendo que cada publicação pode estar em mais de uma categoria ao mesmo tempo, 22 publicações se encaixam na categoria **(1) Infância/Adolescência/Passado "cis feminino"**, 44 na categoria **(2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações**, 55 na categoria **(3) Depois dos babados/Amadurecimentos**, e 15 na categoria **(4) Outras temáticas**. As interseções entre as categorias podem ser observadas na figura 1.

Figura 1 - Publicações transmasculinas dentro de cada categoria, e suas intersecções.



Fonte: O autor.

As intersecções acontecem porque a escrita de cada obra, não necessariamente expressam apenas uma única temporalidade, mas fluem num fluxo discursivo do qual podem caminhar no passado e presente ao mesmo tempo. No capítulo a seguir elaborei a análise dessas obras a partir da metodologia autoetnográfica, a luz dos conceitos de território e corpo-território enunciados no capítulo 01 do presente trabalho, e destacando como esses conceitos analisados nas escritas das transmasculinidades revelam disputas epistemológicas, simbólicas e materiais entre a masculinidade hegemônica e a possibilidade de outras masculinidades.

CAPÍTULO III - MASCULINIDADES EM DISPUTA

Início esse capítulo pensando em como uma das intenções deste trabalho é construir um campo de enunciação que se move entre teoria e experiência, entre leitura e corpo. As citações aqui presentes são mais que testemunhos, se articulando como companheiras de um percurso da minha própria vida, tensionando, ecoando, ampliando e colaborando com um fazer artesanal dessa reflexão situada. Os diálogos aqui são, antes de tudo, afetivos, e se entrelaçam na constituição desse território de pensamento.

Assim, é importante destacar que o processo de seleção destes textos permite narrar e pensar masculinidades outras a partir da disputa e da criatividade. As vozes aqui presentes operam na reinscrição da produção de conhecimento em outros parâmetros epistêmicos, descentralizando a autoridade da cisnormatividade e encarnando nos corpos trans o saber articulado.

Ao longo deste capítulo, percorro dois momentos principais: (1) o retorno à infância e à adolescência como momentos de colonização e vigilância do corpo, onde se iniciam as tensões entre norma e diferença e; (2) a compreensão dos processos de transição de gênero e das experimentações corporais como atravessamentos potentes, marcados por medo, prazer, resistência e criação. Selecionei apenas estas duas categorias da seleção mais ampla pensando em percorrer a partir da concepção do território estes dois momentos do processo de transição listados nas narrativas selecionadas. Esta escolha foi feita pensando principalmente na percepção possível destes dois momentos como momentos fortes de desterritorialização e reterritorialização.

A escrita aqui é uma elaboração e é prática territorial. O próprio fazer desta escrita é uma performance de masculinidade em disputa. Não há neutralidade possível quando a escrita é corpo, o corpo é espaço e estes campos todos são atravessados por poder, por desejo e por memória. As narrativas aqui presentes se inscrevem no mesmo movimento de construção simbólica, de compreender o corpo transmasculino como este território em reconfiguração. Assim, este início de capítulo é mais que uma introdução, mas é um convite para habitar este espaço borbulhante de disputa e criação, em que teoria e vida se entrelaçam em geografias vivas e corporificadas.

(1) Infância/Adolescência/Passado “cis feminino”

Quando lembro da minha infância, percebo que as primeiras tensões que senti relacionadas às imposições normativas de gênero aconteceram lá. Reconhecê-las foi e continua sendo um processo, sempre ligando o hoje ao passado. Quando volto ao passado percebo que existiam diferenças entre mim e as outras meninas. Mas não éramos todas diferentes entre si, eu era colocado num lugar de diferente pela diferença. Por conveniência, ganhava roupas do meu primo mais velho, e por conta disso minha bisavó achava que eu era um menino. É intrigante pensar que mesmo sem olhar minha genital, as vestimentas funcionavam como uma tecnologia de gênero na infância, mesmo sem minha agência sobre isso. Tony Gabriel (2020, p. 29), em seu texto “Sobre infância e repressão”, relata “*Era tudo regrado: hora de dormir, menina não podia brincar com meninos, tinha que andar direito, não podia comer de boca aberta, tinha que sentar correto...*”. Assim como a experiência de outras pessoas transmasculinas, Tony Gabriel nos mostra um pouco sobre as imposições de seus responsáveis legais, em relação às normativas de gênero na infância.

Já no início dessa análise é possível vislumbrar no texto, como o território-corpo é colonizado (Haesbaert, 2020) por discursos normativos que visam enquadrar as existências dentro de binarismos rígidos de masculino e feminino (Butler, 2019). Dessa forma, o corpo não é apenas um suporte biológico, mas um espaço de regulação e operações, no qual se manifestam as tensões entre subjetividade e poder (Preciado, 2018). Aqui as tecnologias de gênero na infância, como roupas que eu usava quando criança, ou comportamentos/posturas corporais, como as que Tony Gabriel apresenta em seu relato, se revelam como um tipo de “marcação territorial do gênero”. O que quero dizer é que as roupas e os comportamentos expressam de alguma forma aspectos sociais e culturais de uma territorialidade específica, marcando de forma simbólica e material, o corpo territorializado. No caso do Tony, a marcação territorial era imposta pela sua família que atuava como agentes de territorialização do corpo através do que Foucault (1979) nomearia como relações de poder microespaciais. A territorialização que aqui pontuo, seria sobre um movimento - da família que detém poder e agência sobre Tony - de constituir referenciais simbólicos e identitários (Fuini, 2014) em um determinado corpo, o corpo de Tony. Assim, ao dizer o que é de menino, e o que é

de menina, o poder não apenas age controlando esses corpos, mas também segue os produzindo.

Outro trecho, dessa vez do autor Shay de los Santos Rodriguez (2020, p. 41), no texto “Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho” relata: *“Mas a criança também se sentia um pouco afastada das outras crianças, principalmente das meninas, pois muitas vezes não queriam brincar com ela, por acharem “estranha”*. Nesse trecho, Shay nos conta sobre a criança que foi e o lugar de estranhamento que outras crianças o colocavam. É comum que crianças em dissidência de gênero sejam colocadas como estranhas, acarretando um tipo de violência subjetiva que muitas vezes nem a própria criança entende o porquê, mas internaliza que existe algo de errado com ela. Aqui nesse ponto, é importante entender que o estranhamento vindo das crianças ao redor já se configura como disputas territoriais, pelo qual o poder passa através, e é reproduzido (Foucault, 2014 [1979]) por aqueles que se inscrevem dentro das normas de gênero. As crianças se moviam em uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que eram interpeladas e produzidas a partir de relações de poder, servindo como um ‘centro de transmissão (Foucault, 2014 [1979])’ desse poder, agiam também de maneira ativa na aplicação desses regimes. Quando Shay diz que as outras meninas achavam ‘ela’ “estranha”, significa que existiam marcações territoriais de gênero em seu corpo e comportamento que eram confusas para as outras crianças, porque não faziam parte das marcações normativas do que era considerado “ser menina”.

O autor Sareh Almeida da Silva (2022, p. 73), no texto “Temporal” relata algo que dialoga com os dois trechos citados anteriormente: *“Toda uma infância e adolescência tentando caber/Seguindo caminhos/Que fui andando sem saber/Pra onde ia [...]/Brincadeiras que não pude brincar/Cores que não pude usar/Roupas que precisei adaptar/Pra chegar o mais próximo de onde queria*”. Esses relatos conversam com minhas experiências de vida, apesar da minha desobediência quanto a algumas regras de conduta, esta mesma desobediência foi responsável por várias tensões afetivas. As brincadeiras da infância podem ser reproduções generificadas da vida, Axel (2022, p. 75) no texto “Ser transgênero, liberdade e compreensão aos 40 anos” nos conta: *“Era lá que eu também fingia fazer a barba, com o pincel de barbear de cabo vermelho do meu avô, com a gilete do meu pai e a sua loção pós-barba [...]*”. Existia satisfação e medo, eu também fazia a barba com

espuma de sabonete no banheiro, mas sempre longe da vigilância dos olhos dos outros. Não consigo por meio da memória pensar se existia desejo em mim em possuir barba, inclusive pelo fato da memória ser ressignificada, ou seja, não se pode voltar ao passado e seu sentido, mas sabia que era errado de alguma forma e sentia vergonha. Nesse ponto, quando falo de poder, segundo Lefebvre (2006 [2000]), não se trata apenas de dominação no sentido de força coercitiva, mas também pode ser entendido no sentido de ‘apropriação’, em que nas dinâmicas de poder os sujeitos em um ato político e existencial, que se opõe à dominação, se apropriam de algum aspecto de forma simbólica, para dar sentido a sua experiência no mundo. Sareh relata que passou uma adolescência tentando caber, tentando se adaptar para chegar o mais próximo a onde queria, enquanto Axel brincava de fazer a barba inexistente em frente ao espelho, ou seja, existiam tensões de gênero que por hora dominavam de forma coercitiva o corpo, e que em outros momentos eram símbolos de apropriação e resistência. A barba é um símbolo bastante forte dentro das masculinidades, e o ato de fazê-la mesmo sem tê-la, significa esse tal ato de apropriação, tanto da prática quanto de si mesmo, onde o corpo se torna território, e a disputa segue inscrita no corpo pela materialização de quem se é.

Para além disso, há um papel fundamental na constituição imaginativa na vida de crianças, em sua subjetividade, que permite elaborar sentidos sobre si e sentidos sobre o mundo, transcendendo limites do que é possível em determinado contexto, criando a possibilidade do novo, do impensado, do que é supostamente impossível. Ao brincar de experimentar papéis, afetos e possibilidades de existência alternativa, se constrói narrativas que rearticulam o impossível em um novo lugar de construção possível. O agir na imaginação, na criatividade, é produção de saber e elaboração, que emerge autonomia e sensibilidade, possibilitando um desenvolvimento do agir e intervir na ressignificação da realidade, e das fronteiras postas como limites que parecem ser não ultrapassáveis, mas que aprendemos tecnologicamente a ultrapassar.

À medida que crescemos, as inquietações também nos acompanham e, diferente de hoje, a infância dos anos 90 e início dos anos 2000 não era acompanhada da presença da internet, e os debates sobre dissidência de gênero e sexualidade muitas vezes nem chegavam até nós. Dhan Tripodi (2020, p. 101), no texto “Uma vida em dissidência de gênero”, pontua algo que dialoga com esses

pontos: *“Desde muito cedo eu sabia que era diferente, eu não sabia o que era uma lésbica, muito menos uma pessoa trans, portanto, não poderia me definir dessa forma naquela época [...]”*. Eu também não sabia o que era lésbica, muito menos a possibilidade de uma existência trans. A primeira vez que me dei conta de sexualidades não-heterossexuais, um *“tipo de chave virou na minha cabeça”*, foi em 2007, com 14 anos, por causa de uma colega de turma que se colocava como bissexual. A partir desse marco comecei a investigar algumas inquietações, e conheci um grupo de meninas bissexuais e lésbicas, das quais me aproximei rapidamente. A cisgeneridade e a heterossexualidade compulsória também nos impõe certas condutas às quais eu não correspondia. Me relacionar com homens enquanto “mulher” reafirmava ainda mais comportamentos normativos, que esmagaram meus desejos e me enclausuravam em significados que não me faziam sentido. Nesse contexto é importante trazer as definições de identidade de Stuart Hall (2006) e Judith Butler (2019), sobre a construção de identidades e seu caráter não fixo. O gênero e a sexualidade são impostos quando nascemos, a partir de um sexo biológico identificado, teremos um gênero atribuído a ele, e consequentemente seguiremos o regime heterossexual a que ele representa (Preciado, 2018). Se nascemos com vulva, então seremos meninas/mulheres, que obrigatoriamente deverão se relacionar futuramente com meninos/homens com pênis. Apesar de Dhan Tripodi relatar não saber como se identificava por falta de representatividades, foi pela negação, assim como eu, que ele entendeu o que não era, e isso revela o caráter não fixo dessas identidades atribuída compulsoriamente a nós, mas que elas são construídas através de repetições performáticas no espaço (Butler, 2019). A negação da heterossexualidade se configura como resistência ao poder hegemônico dominante (Preciado, 2018), como uma ruptura no processo, como um corpo desterritorializado, e que no meu caso ao se aproximar de meninas não-heterossexuais foi um processo de reterritorialização da minha identidade. Esse processo de desterritorialização, pode ser entendido como um tipo de “desorganização” e/ou “perda de vínculos identitários” com o território, e a reterritorialização como um movimento de reconstrução de vínculos identitários em uma reorganização territorial influenciada pelo cruzamento com novas lógicas sociais (Fuini, 2014), aqui no caso, o corpo-território. Ou seja, aqui vemos a existência de múltiplos territórios, de uma sexualidade dominante e de sexualidades resistentes, e que através das relações socioespaciais houveram tensionamentos e

uma reconfiguração do espaço, revelando sua dimensão mutável (Haesbeart, 2014).

Axel (2022), Kauê Conrado (2020), Dhan Tripodi (2020), assim como eu e outras tantas pessoas transmasculinas, se entenderam como lésbicas em algum momento de suas vidas. Essa compreensão sobre si não é uma narrativa de todas as transmasculinidades, pois alguns já compreendiam seus desejos afetivos sexuais por homens e masculinidades, como no relato de Christopher Santana (2021, p. 40) em que afirma: *“Eu sempre soube que gostava de homens, então foi difícil entender o que eu era [...]”*, e outros não se sentiam contemplados pelo termo como na entrevista feita por Gabriel Vicente Pontes (2020, p. 23) com Eduardo Rodrigues: *“Edu ainda não se sentia completo, pois ele não se via como lésbica [...]”*. O processo compreendido aqui é outro, enquanto eu me não me identificava como heterossexual e passei por processos de des-re-territorialização identitária, Christopher e Eduardo não negavam a possibilidade heterossexual, mas também não podiam ser porque de alguma forma não se identificavam com o gênero que lhes foi atribuído. Isto é, eles foram socializados como mulheres e se atraíam por homens, mas só podiam ser heterossexuais a não ser que se afirmasse como mulheres, o que não acontecia. Aqui é possível enxergar um processo de desterritorialização ainda sem uma reterritorialização mais explícita.

É importante pontuar que, na maioria dos textos publicados, as menções a um passado anterior a transição de gênero que façam referência a uma performance “feminina”, é pequena. O apagamento desse passado é algo frequentemente observado na narrativa de vida de pessoas trans, podendo ter motivações diversas. Dentre elas cito algumas, como, por exemplo, a sensação de não vida e não pertencimento àquela realidade, anterior à transição; gatilhos referentes a violências; o medo da deslegitimação de suas identidades; o assujeitamento a estereotipação de narrativas trans quanto ao ódio referente a seu corpo e/ou passado; e o medo da abertura de brechas à transfobia. Os relatos apresentados aqui passam por um processo de disputa simbólica e material, no qual esse suposto “apagamento” de um passado “feminino”, na verdade se configura como uma estratégia de sobrevivência frente às relações dominantes de poder.

(2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações

Os processos descritos nos textos organizados nesta temática talvez sejam os mais conflitantes em termos de sensações que divergem uma da outra, mas que ocorrem ao mesmo tempo. São, por vezes, permeados de incertezas, medos, inseguranças e violências diversas e alguns se revelam como sendo processos com bastante potência.

Armr'Ore Erormray (2021, p. 16), em seu poema sem título, nos traz: *“Eu sei que tem muita coisa nessa bagunça/Que às vezes os pensamentos são piores que a realidade/Que a mente é confusa/E o coração é falho [...]”*. O autor conversa consigo mesmo relatando um momento de conflito sobre seus questionamentos quanto à transição de gênero. De fato, os pensamentos podem ser piores que a realidade, o desespero pelo desconhecido, os processos ainda não vividos passados e repassados como *frames* de filmes em que o desfecho é apenas tragédia, e o conflito de que talvez seja melhor deixar tudo como está. No fim das contas, essa é a narrativa hegemônica sobre ser uma pessoa trans: tragédia. Mas o autor segue: *“Mas aí dentro/também tem cura/Também tem todas as versões de você/Também tem ancestralidade [...]”*. Embora nos devaneios vislumbremos um cenário caótico, existe cura, existe potência, e existiram outros como nós. Da mesma forma que Armr'Ore Erormray transcreve suas sensações, Nicolas Vasconcelos (2021, p. 68), no poema “Aula de vôo”, coloca: *“Liberte a mente/Ponha para fora o que o coração sente/Revele sua luz/Atravesse seus medos/Seja agora reflexo/Do seu mais profundo desejo [...]”*. Compartilho dessa narrativa de sensações opostas, o grito sufocado na garganta que precisa sair, e que parece que vai rasgar o corpo (e rasga), o medo que precisa ser atravessado e, do outro lado, o desejo latente. A territorialidade - aqui no caso a territorialidade trans - também está ligada aos sentimentos de pertencimento ao território, tanto quanto dos momentos satisfatórios, quanto dos momentos de dificuldades e superações relacionados a ele, e é isso que fortifica o elo com o território em questão (Fuini, 2014), o território trans, o corpo-território. Entretanto, quando se fala de medos e confusões, que por vezes resulta em uma imobilidade do sujeito, também está se falando justamente dos tensionamentos referentes aos objetivos da hegemonia em se manter como dominante. Isto é, o poder como componente da territorialidade, não funciona apenas como um meio de manter a ordem, mas também se configura como uma estratégia de manter o mundo e seu contexto geográfico através do qual

experienciamos e damos significados às coisas (Sack, 1986). Ou seja, a estratégia é que corpos dissidentes recuem, e continuem a experienciar e reproduzir o mundo sob óticas de ordem cisgênera e heterossexual. Para Foucault (1999), o medo garante uma autodisciplina, mas que não serve apenas como forma repressiva, mas também produz sujeitos. É nesse ponto que vemos diversos exemplos: noticiários mulheres trans e travestis serem arrastadas de banheiros femininos por não estarem no “banheiro correto”¹; espancamento e transfeminicídio, como no caso de Pâmela dos Santos Coelho² e Christina Maciel Oliveira³; violências sistêmicas e institucionais, como transfobia relacionada aos direitos reprodutivos de transmasculinos gestarem, como no relato de Apollo Arantes⁴; e além disso, a elaboração de 519 políticas⁵ anti-LGBTI+ no Brasil, desde 2019, incluindo temas como proibição de linguagem neutra, uso de banheiro e cotas trans. É nesse ponto que o poder age de forma coercitiva através da violência física, psicológica, sistêmica e institucional, numa tentativa de manter a “ordem”, produzindo sujeitos e práticas discursivas que atuam na constituição do espaço geográfico.

Os desgastes e conflitos podem gerar inconformidade e aqui está a força motriz da travessia, a revolta. Thomas Terra (2020, p. 44), no texto “O eu e o outro”, nos traz: *“Observando o outro, eu sei, não sou homem. Não sou mulher. Sou aquele outro relatado, estudado, analisado e existido por uma mente normativa psicanalítica.”*. O autor tece uma crítica à cisnormatividade e à patologização dos

¹ Sheylla Goudiny, mulher trans, atacada e constrangida publicamente por utilizar o banheiro feminino. (Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/mulher-trans-e-agredida-verbalmente-em-condor-de-curitiba/>>. Acesso em: 23 out. 2025);

Julie Correia de Araújo, é indenizada pelo constrangimento e impedimento do uso do banheiro feminino. (Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/mulher-trans-impedida-de-usar-banheiro-feminino-e-comparada-a-ladrao-ganha-indenizacao,8176c8a4ac5a9204e91a72afcb8055615t9rfnhg.html>>. Acesso em: 23 out. 2025);

² Assassinato de Pamela dos Santos Coelho. (Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2025/10/15/tres-homens-teriam-assassinado-travesti-en-contrada-morta-em-fortaleza.html>>. Acesso em: 23 out. 2025).

³ Assassinato de Christina Maciel Oliveira. (Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Justica-por-Christina-Maciel-Basta-de-transfeminicidio-e-violencia-contras-as-mulheres>>. Acesso em: 23 out. 2025).

⁴ Apollo Arantes (2023) relata em seu trabalho “Da gestação à parentalidade: relato de uma gestação transmasculina, controle da reprodução humana e o reforço do estigma para população trans”, seu processo de gravidez, e as violências sofridas nesse período enquanto sendo uma pessoa transmasculina. (Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/379002684_Da_gestacao_a_parentalidade_relato_de_um_a_gestacao_transmasculina_controle_da_reproducao_humana_e_o_reforco_do_estigma_para_populacao_trans>. Acesso em: 23 out. 2025);

⁵ Elaboração de 519 políticas anti-LGBTI+ desde 2019. (Disponível em: <<https://observatoria.org/#PLsAnti>>. Acesso em: 23 out. 2025);

nossos corpos. Pensando no meu corpo e no de tantos outros, ao observar o outro (o corpo cisgênero), eu também não poderia ser homem, afinal não tenho falo, mas tenho vagina e peitos. Também não poderia ser mulher, porque possuo elementos simbólicos marcantes no corpo que podem me levar a ser lido de outra forma que não esta, como barba, voz, roupas e afins. Aqui é importante salientar dois pontos, o poder relacionado à ciência e quem a faz, e as práticas correspondente à produção desse conhecimento. Como expõem Joseli Maria Silva (2009) que a geografia científica é um campo de saber produzido em relações de poder, e Gillian Rose (1997) argumenta que o tipo de conhecimento produzido depende de quem o produz. As identidades trans quando não invisibilizadas, são objetos de estudo da produção de conhecimentos e carreira do pesquisador cisgênero (Vergueiro, 2015). Ou seja, porque o conhecimento não é produzido por nós pessoas trans? Quem nós somos se não aquele estudado, relatado, e analisado, como bem coloca Thomas Terra? Existem também disputas territoriais dentro da academia, seja pela presença física desses corpos na instituição, seja pela produção de conhecimento que ali acontece. Grande parte da população trans, principalmente mulheres trans e travestis, sofre expulsão familiar aos 13 anos de idade, em média (Benevides; Nogueira, 2021), mudando drasticamente o rumo das suas histórias de vida. Mesmo com um início de políticas afirmativas de cotas para pessoas trans no Ensino Superior, a maioria das vagas reservadas seguem vazias, com apenas 34% preenchidas⁶, justamente por não haver política que garanta permanência no ensino básico, com 72% da população trans não conseguindo concluir o Ensino Médio por violência escolar (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021). Como é possível falar da agência da nossa produção científica na academia, se muitas vezes nem o Ensino Médio conseguimos concluir? Hoje disputo o território da Universidade Estadual de Ponta Grossa com meu corpo, e com esse trabalho disputo a construção do conhecimento geográfico. Historicamente, as práticas vinculadas aos conhecimentos construídos ao longo dos anos dentro do território das universidades, e na formação e constituição de sujeitos agentes produtores do espaço, podem culminar em práticas discriminatórias, como vemos, por exemplo, no campo biomédico. Nesse ano de 2025, Resolução CFM nº 2.427/2025 do Conselho

⁶ Universidades federais preenchem somente 34% das vagas destinadas a pessoas trans e travestis. (Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2025/10/20/universidades-federais-so-preenchem-34percent-das-cotas-para-estudantes-trans-e-travestis.ghtml>>. Acesso em: 23 out. 2025.);

Federal de Medicina, que restringia o acesso de pessoas trans, por exemplo, a bloqueadores hormonais para menores 18 anos e cirurgias para menores de 21 anos, tinha sido aprovada pelo CFM. Através dos movimentos sociais trans, essa resolução foi derrubada, mas em pouco tempo o ministro Flávio Dino a fez entrar em vigor novamente. É também sobre isso que Thomas Terra (2020) fala, o “[...] *relatado, estudado, analisado* [...]” culmina em leituras e “conhecimento” sobre esses corpos, que são feitas a partir de relações de poder (Silva, 2009), dos quais criam e produzem sujeitos, através de um controle social simbólico e identitário (Haesbaert, 2018). Isto é, novamente reintero, o poder como componente do território, serve aqui para organizar, agênciar e manter corpos em dissidência sob um regime cis-heterossexual.

Seguindo na análise, Peter Milanez da Silva (2022, p. 43), no texto “O homem (re)inventado”, coloca uma questão bastante pertinente: “*Sobre os ombros carregando a culpa/dos que creem que não se inventaram* [...]”. Aqui Peter nos elucida sobre a invenção do sexo-gênero-desejo, da qual a cisgeneridade também se produz e reproduz, mas só concebe a invenção de corpos trans. De fato, existe uma diferença, a produção dum corpo trans é uma produção numa versão mais autoral. Dito isso, Ska Batista (2021, p. 80), traz em seu zine uma frase que conversa muito bem com a questão: “*Fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária*”. O gênero, como Butler (2019) coloca, é algo que se faz continuamente em repetições e que não é algo natural, mas construído. Isto é, o gênero antecede o “ser cis” e o “ser trans”, no caso pessoas cisgêneras somente se inscrevem nas normas de gênero o que demonstra de forma errônea uma aparente “naturalidade”, enquanto pessoas trans ao romperem com essas expectativas e tomarem outro caminho, demonstra algo “artificial” e construído, e portanto, passível de deslegitimação. Quando Ska Batista fala sobre fabricar um corpo como uma máquina revolucionária, ele está dizendo que essa ruptura se configura como uma revolução, uma desorganização dos territórios e um tensionamento nos poderes hegemônicos.

Tecnologias de gênero utilizadas para a construção identitária (Laurentis, 1987; Preciado, 2018) de transmasculinidades – como roupas, uso de binder, packer, hormonização com testosterona e também cirurgias – não são obrigatórias, mas boa parte delas são utilizadas ou desejadas pela comunidade. Um movimento bastante comum entre as transmasculinidades, e pressuponho que talvez seja um

dos primeiros, é o corte de cabelo. Esse movimento na minha história de vida já havia acontecido alguns anos antes da transição, entretanto para mim o entendimento trans veio acompanhado pela radicalidade da ausência de cabelo, raspando e sorrindo na frente do espelho do banheiro.

Leonardo Luis (2020), Shay de los Santos Rodriguez (2020), Kauê Conrado (2020), Eduardo Rodrigues (2020), também relatam em seus textos esse marco sobre o corte de cabelo. Leonardo Luis (2020, p. 25), em seu texto “Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual”, comenta: “*No início da transição, cortei o cabelo e passei a usar os hormônios e roupas masculinas.*”. Essa mudança no guarda-roupas nos custa caro, literalmente. Eu não usava roupas que me masculinizassem antes da transição, então pouquíssimas peças de roupa puderam ser aproveitadas. Por exemplo, roupas muito justas que mostrassem a curvatura do meu corpo eram, e de certa forma ainda continuam sendo, desconfortáveis. Nicolas Bastos (2022a, p. 45), em “trajeto de olhos”, coloca: “*[...] para as mulheres, que procuram um volume singelo na bermuda/como se eu fosse um animal doméstico de vitrine/para os homens, que notam o volume em minha camisa/e riem com escárnio cutucando o colega mais próximo [...]*”, e Nicolas Bastos (2022b, p. 15), em “Canção de um transcorpo”: “*[...] porque no volume da blusa só está escrito que respiro e nada a mais/porque na faixa que aperta minhas costelas, não te escondo nada a mais/não há segredo, nem mera confusão, dentro das minhas calças [...]*”, demonstram nestas escritas que o incômodo com alguns aspectos do corpo vem do olhar de estranhamento e rejeição do outro, olhos estes que impõem, categorizam e violentam.

Nos relatos descritos acima, percebo que a transição de gênero também se configura como uma transição de territórios, onde os sujeitos que anteriormente compunham uma territorialidade específica, passam a reorganizar e reconstruir outros sentidos no mundo vivido, a partir do corpo. O corte de cabelo somado ao uso de testosterona e roupas masculinas, podem ser interpretados como um ato de reterritorialização do corpo, visto que Haesbeart (2018) explica que o território também é constituído pelas suas dimensões simbólicas, culturais e subjetivas. É através da apropriação desses símbolos que se constrói o corpo-território, se tornando para além de algo biológico, mas um espaço político. Isto é, ao cortar o cabelo, aplicar testosterona e vestir roupas específicas, é agir no corpo como quem se age no espaço. Além disso, o espelho e o olhar do outro, significa o que Foucault

(1999) conceitua como o estado de vigília, sob aqueles que não seguem as normas, em que o riso é o elemento punitivo e o constrangimento o resultado da coação.

Ainda sobre tecnologias de gênero, o uso de testosterona, embora não seja obrigatória, é bastante procurada por aquelas transmasculinidades que desejam modificações corporais geradas por este fármaco. Busquei através da testosterona algumas dessas mudanças, mas acabei descobrindo outras modificações com essa experimentação corporal. As primeiras mudanças notáveis foram a oscilação na voz, presença de acne e alta libido. Lui Foito (2020, p. 53), no texto “T de tesão”, relata: *“No espelho vejo/Segunda puberdade,/Erupções acnosas./Três fiapos perdidos/No buço que agora é xuxu.”*. Essa não é apenas uma segunda puberdade, é como se fosse uma nova puberdade totalmente diferente da primeira. Outras mudanças, outros olhares e a vistoria completa do corpo todo, dia após dia, num desassossego pela mudança do amanhã. Não tem como viver o presente, talvez esse seja mais um dos privilégios da cisgeneridade. Depois disso, o autor continua: *“Quando comecei a explorar/Meu corpo e/Toquei o gozo, [...] Roça,/Esfrega,/Empurra.”*. Aqui o autor relata a mudança na libido, com novas sensações e formas de tocar o corpo. Os prazeres mudam à medida que o corpo se transforma, sendo o que antes podia ser prazeroso, agora não é mais, e o que não dava prazer, agora dá. Ynymagyney Carú (2021, p. 64), em seu texto “festas de cu-ra”, nos move a uma experiência bastante particular: *“[...] impossível não se contorcer no gozo do encontro, grelos vitaminados de T parecem como ímãs em delírio.”*. Como já pontuado nessa análise, o elo com o território, e aqui com o corpo-território, é fortificado tanto pelos sentimentos de pertencimento, quanto pelas dificuldades e superações relacionadas a ele. Nesse caso, nos relatos acima, mostram o “prazer” como um elemento no processo de reterritorialização. O que quero dizer é que, como Cabnal (2010) coloca, assumir o corpo como nosso primeiro território “permite fortalecer o sentido de afirmação da própria existência, de ser e existir no mundo (p. 130), e aqui o corpo passa a se (re)conhecer, se (re)ocupar e se (re)autorizar. Foucault (1999) traz que o poder e o prazer estão intimamente ligados, e que o prazer pode se configurar como um instrumento do poder. Isto é, a agência sobre nosso corpo através do prazer talvez seja um forma de reabilitar o corpo e fazê-lo como território.

De fato, com todas as mudanças físicas, sociais e subjetivas ao longo desses anos, vejo que mesmo que eu não tenha enterrado meu passado e que respeite minhas construções que me trouxeram até aqui, não sou mais a mesma pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando percorro as narrativas aqui apresentadas, em um mergulho também em minhas próprias memórias, é possível compreender que o processo de transição de gênero se constitui como um movimento profundamente geográfico, na medida em que implica deslocamentos, reconfigurações e reinscrições do corpo, do ser e da identidade, que se materializam no que chamo aqui de corpo-território. O corpo, entendido como este espaço de produção de sentidos, se torna o principal campo de disputa entre forças normativas e experiências de criação. Olhando para trajetórias de pessoas transmasculinas, percebo como a transição é uma grande experiência de reterritorialização, em que se inscrevem novas significações, experiências, desejos, afetos e práticas, a partir de agires políticos e existenciais. Sendo assim, é o corpo um dos grandes territórios de afirmação, de contestação, de reconstrução e de materialização do entrelaçamento entre espacialidade, subjetividade e poder.

Dessa forma, a *geografia da transição de gênero* se demonstra como uma cartografia viva, encarnada, marcada por movimentos constantes de desterritorialização e reterritorialização, que desafiam as rigidez das fronteiras da heteronorma e da cisgeneridade. Os relatos que analiso demonstram que o poder também atua nas escalas do cotidiano, no microespaço, assim como na própria prática de resistência. As tecnologias que evocamos, seja do corte de cabelo, seja da renomeação, seja do uso do fármaco ou do uso do têxtil, são gestos de espacialização que desafiam o regime da inteligibilidade hegemônica. O corpo-território é, então, simultaneamente objeto e agente de transmutação, sendo o lugar que as marcas se inscrevem, mas também o campo de projeção de novas territorialidades.

Assim, as disputas sociais travadas pela comunidade trans a dialogar com a ciência geográfica e seus aparatos conceituais se empodera de práticas e discursos capazes de maximizar a potência de suas existências. Por outro lado, o campo científico da Geografia, ao se banhar de *epistemologias trans*, é convocado a repensar ou ampliar compreensões de categorias fundamentais do campo. Assim, este trabalho se volta para contribuir com este movimento, alargando fronteiras ou rompendo com elas, afirmando que pensar corpo como território é reconhecer antes de tudo uma potência criativa, em que as existências possíveis possam ser celebradas como parte constitutiva do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Lino. **Monstrans: experimentando horrormônios**. Campinas: Ed. do Autor, 2021.

ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

AXEL. SER TRANSGÊNERO, LIBERDADE E COMPREENSÃO AOS 40 ANOS. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 6, p. 75-77, nov. 2022 Disponível em: <https://encurtador.com.br/t6urH>. Acesso em: 26 set. 2024.

BASTOS, Nicolas. trajeto de olhos. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 5, p. 45-46, jun. 2022a. Disponível em: <https://encurtador.com.br/8FqvA>. Acesso em: 26 set. 2024.

BASTOS, Nicolas. CANÇÃO DE UM TRANSCORPO. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 6, p. 15, nov. 2022b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/4GVns>. Acesso em: 26 set. 2024.

BATISTA, Ska. ZINE. kuir-cuir-ku (transviado). **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 2, n. 2, p. 79-85, nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.-2-n.-4-nov-2021-79-85.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: n-1 Edições. 2019.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. **Momento de paro Tiempo de Rebelión**, v. 116, n. 3, p. 14-17, 2010.

CAMPOS, Mayã Polo de; SILVA, Joseli Maria. Teu corpo é o espaço mais teu possível: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 101-114, 2020.

CARÚ, Ynymagyney. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 2, n. 4, p. 62-64, nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.-2-n.-4-nov-2021-62-65.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

CONRADO, Kauê. Homens trans e a arte drag. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 1, n. 1, p. 65-66, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-66-67.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

ELLIS, Carolyn.; BOCHNER, Arthur. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. Canadá: Sage, 2000. p. 733 – 768.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: um panorama. **Astrolabio**, n. 14, p. 249-273, 2015.

ERORMRAY, Armr'Ore. [S.]. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 2, n. 2, p. 16-17, nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.2-n.4-nov-2021-14-20.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

FOITO, Lui. T de tesão. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 1, n. 1, p. 79-85, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-54-55.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: VOZES, 1999.

FUINI, Lucas Labigalini. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@ Plural**, v. 8, n. 1, p. 225-249, 2014.

GABRIEL, Tony. Sobre infância e repreensão. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 1, n. 1, p. 29-30, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-30-31.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand, 2018.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020.

HERZER, Anderson. **A Queda para o Alto**. 5. ed. Petrópolis: VOZES, 1983 [1982].

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019.

LAURENTIS, Teresa de. **TECHNOLOGIES OF GENDER: Essays on Theory, Film, and Fiction**. London: Indiana University Press, 1987.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

LE MOS, René Yuri. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 5, p. 21, jun. 2022. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.3-n.-5-jun-2022-23.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

LE MOS, René Yuri. Amores Inabaláveis. In: PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini; BRITO, Daniel de.; PUSTILNICK, Nicolas; HENTZY, Thárcilo Luiz da Silva (Org.). **Masculinidades Outras**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2023. p. 80.

LE MOS, René Yuri. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 6, n. 12, p. 141-149, jul. 2025. Disponível em: <https://www.revistaestudostransviades.com/c%C3%B3pia-ed-11> Acesso em: 25 out. 2025.

LOPES, Bernardo Mota. **Arquivo transmasculino: uma autoetnografia sobre transmasculinidade no Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

LUCENA, Marcello Medeiros. **Transmasculinidades nas redes sociais: caminhos para uma prática clínica transepistêmica**. 2025. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2025.

KASS, Hailey. **Introdução ao Transfeminismo**. BlogTransfeminismo, 2012.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 1, n. 1, p. 41-43, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-42-44.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

NEVES, Benjamin Braga de Almeida. **Transmasculinidades e o Cuidado em Saúde: Desafios e Impasses por Vidas Não-Fascistas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NERY, João Walter. **Viagem Solitária: a trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2019.

NUNES, Camila Xavier. **GEOGRAFIAS DO CORPO: POR UMA GEOGRAFIA DA DIFERENÇA**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVA, Victoria Ferreira. DO CORPO-ESPAÇO AO CORPO-TERRITÓRIO: O que a Geografia Feminista tem a dizer? **Ensaios de Geografia**, v. 8, n. 17, p. 165-187. 2022.

PONTES, Gabriel Vicente; RODRIGUES, Eduardo. A emocionante história de Eduardo Rodrigues. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 1, n. 2, p. 21-24, set. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.2-set-2020-22-25.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in human geography**, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997.

SÃO Marino. Direção: Leide Jacob. São Paulo, 2022. 1 vídeo (20 min).

SANTANA, Christopher. A (IN)EXISTÊNCIA DOS HOMENS TRANS NA NOSSA SOCIEDADE. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 2, n. 4, p. 38-42, nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.-2-n.-4-nov-2021-38-42.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversidade sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 25-53.

SILVA, Sareh Almeida da. Temporal. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 6, p. 72-74, nov. 2022 Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.-3-n.-6-nov-2022-73-75.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVA, Peter Milanez da. O homem (re)inventado. **Revista Estudos Transviades**, [S.], v. 3, n. 5, p. 43-44, jun. 2022. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.3-n.-5-jun-2022-44-46.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa; PALHANO, Luciano. Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI. **Revista Estudos Transviades**, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 66-82, jun. 2022. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.3-n.-5-jun-2022-68-84.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

TERRA, Thomas. O eu e o outro. **Revista Estudos Transviades**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 44, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-45-46.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

TRIPODI, Dhan. Uma vida em dissidência de gênero. **Revista Estudos Transviades**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 99-108, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.1-n.1-jul-2020-100-109.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

VASCONCELOS, Nicolas. Aula de vôo. **Revista Estudos Transviades**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 68, nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/01/revista-estudos-transviades-v.-2-n.-4-nov-2021-68.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2015.

ZARAGOCIN, Sofia; CARETTA, Martina Angela. Cuerpo-territorio: A decolonial feminist geographical method for the study of embodiment. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 111, n. 5, p. 1503-1518, 2020.

APÊNDICE I

Quadro 1 - Publicações do primeiro volume da Revista Estudos Transviades, número 1, edição de julho de 2020.

Revista Estudos Transviades [v. 1, n. 1 jul/2020]							
A construção política de corpos transviades – Redesenhando masculinidades							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1) ⁷	(2) ⁸	(3) ⁹	(4) ¹⁰	Tipo
Capa	Danillo Pietro Craveiro						Artístico
Diante do Vazio I	Apuã de Melo	16					Artístico (desenho)
Os ângulos de te olhar	Apuã de Melo	17					Artístico (desenho)
Esse tiro no meu peito foi você quem deu	Apuã de Melo	18					Artístico (desenho)
Louvado seja – o arrebatamento	Apuã de Melo	19					Artístico (desenho)
Distorção e mau contato	Apuã de Melo	20					Artístico (desenho)
A lombra do prensado	Apuã de Melo	21					Artístico (desenho)
Tormenta I	Apuã de Melo	22					Artístico (desenho)
Preto luz	Apuã de Melo	23					Artístico (desenho)
Preto luz	Apuã de Melo	24			x		Literário
Diante do vazio II	Apuã de Melo	24					Artístico (desenho)
Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual	Leonardo Luis	25-26	x	x	x		Literário
Mainha	Daniel de Brito	27-28	x				Literário
Sobre infância e repreensão	Tony Gabriel	29-30	x	x	x		Literário
O que é ser homem	Oliver Cavalcanti	31			x		Literário
Ser machista não te faz homem de verdade	Danillo Pietro Craveiro	32-37	x	x	x		Literário
ode (o) à masculinidade	Caio Jade	38			x		Literário e Artístico (modelo de foto)
-	Caru	39					Artístico

⁷ (1) Infância/Adolescência/Passado “cis feminino”

⁸ (2) Entendimento trans/Transição de gênero/Experimentações

⁹ (3) Depois dos babados/Amadurecimentos

¹⁰ (4) Outras temáticas

	Brandi						(desenho)
-	Caru Brandi	40					Artístico (desenho)
Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho	Shay de los Santos Rodriguez	41-43	x	x	x		Literário
O eu e o outro	Thomas Terra	44	x	x	x		Literário
-	Thomas Terra	45					Artístico (desenho)
Carta para mim	Ernesto Nunes	46-47		x			Literário
Transgressões	Julian Steven	48			x		Literário
-	Uarê	49					Artístico (desenho)
-	Uarê	50					Artístico (desenho)
-	Uarê	51					Artístico (desenho)
-	Uarê	52					Artístico (desenho)
T de tesão	Lui Foito	53-54		x			Literário e Artístico
Homem trans e drag	Leonardo Luis	55-56			x		Literário e Artístico (drag)
Para Além da Binariedade dos Corpos Estilo A-Gênero	Caê Vatiêro	57-59			x		Literário e Artístico (drag)
Entre as pernas	Cauê Assis	60			x		Literário
As noções de sexo biológico como instrumento de transfobia	Dhiego Monteiro	61-64			x		Literário
Homens trans e a arte drag	Kauê Conrado	65-66	x	x	x		Literário
Esquerdoboy	Bernardo dos Santos	67-68			x		Literário
Eu cheguei até aqui	Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes)	69-70		x	x		Literário
“O Homem Invisível”: Ensaio reflexivo sobre as perspectivas do visível e invisível aos olhos e a mente sobre um corpo de homem.	Tali Ifé	71-76					Artístico (modelo de foto)
Desconfinamento	Thomas Terra	77			x		Literário
Eu Caim	Daniel de Brito	78-95		x	x		Literário
Homens Trans Existem	Orlando Tailor Vinhoza	96 -97					Artístico

Transição da Depressão	Lino Arruda	98					Artístico (quadrinho)
Uma vida em dissidência de gênero	Dhan Tripodi	99-108	x	x	x		Literário
-	Lino Arruda	109					Artístico
Quanto mais pobre preta e perto de ser mulher for: micro e macro violências na poesia e na arte de Kika Sena	Esteban Rodrigues	110-118					Acadêmico
O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas.	Kaio Souza Lemos	119 -127					Acadêmico
desenho s/ papel, 2018	Lino Arruda	128					Artístico (desenho)
A visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar em consideração o futuro da criança	Amiel Vieira	129-132					Acadêmico
Produção não preta: corpos contemporâneos	Alex Pletu	133-141					Acadêmico
Pessoas trans são gente que sobra: uma breve análise marxista da transgeneridade	Orlando Tailor Vinhoza	142-145					Acadêmico
desenho s/ papel, 2018	Lino Arruda	146					Artístico (desenho)
Acessos à testosterona por homens trans e pessoas transmasculinas	Patrick M N Silva	147-160					Acadêmico
desenho s/ papel, 2017	Lino Arruda	161					Artístico (desenho)
A emergência do debate da transmasculinidade negra	Saman Ferreira	162-171					Acadêmico

Fonte: O Autor.

Quadro 2 - Publicações do primeiro volume da Revista Estudos Transviados, número 2, edição de setembro de 2020.

Revista Estudos Transviados [v. 1, n. 2 set/2020]							
A construção política de corpos transviados – Redesenhando masculinidades							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1)	(2)	(3)	(4)	Tipo
Capa	Caru Brandi						Artístico
-	Oliver Z	16					Artístico (fotografia)
Século XXI	Kaléu Menezes	17-19				x	Literário
Fulano de Tal	Bernardo dos Santos	20				x	Literário
A emocionante história de Eduardo Rodrigues	Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes), Eduardo Rodrigues	21-24	x	x	x		Literário
Demasiado Humano	Theodoro Rodrigues Lima	25-27	x		x		Literário
-	Caru Brandi	28					Artístico (desenho)
-	Caru Brandi	29					Artístico (desenho)
Povo Indígena	Don Rafael	30				x	Literário
Consciência?	Kaléu Menezes	31-33			x		Literário
Caçador, enfim...	Tali Ifé	34		x	x		Literário
Intervenção-Performance "Quem abre caminhos, não me deixa andar sozinho. Laroyê", homenagem a João W. Nery na In.corpo.rar: Exposição Viva (2018)	Tali Ifé	35-39					Artístico (lambe)
Três atos	Calango	40-45	x	x			Literário
Alto Tom de Solidão	Petter Levi	46				x	Literário
Projeto Bolha Transparente	Nicholas Amon	47-52					Artístico (modelo de fotos)
SAMSARA	Dioniso Ferreira	53				x	Literário
Entre a ponta e o calcanhar	Tali Ifé	54	x	x			Literário
Trem da morte	Thiago Peniche	55			x		Literário
-	Rafael Damasceno Aires	56-58					Artístico (desenho)

Incisão	Cauê Assis	59			x		Literário
-	Noah Nova	60-61			x		Literário
CICATRIZES QUE CONTAM NOSSA HISTÓRIA E PODEM SIGNIFICAR LIBERDADE	Rai do Valle, Allan Reis	62					Artístico (fotógrafo e modelo)
Texto 1 (experimento 1)	Beijamin Aragão	63		x	x		Literário
-	Beijamin Aragão	64					Artístico (desenho)
Texto 2 (experimento 2)	Beijamin Aragão	65-66		x			Literário
-	Beijamin Aragão	67					Artístico (desenho)
DESINTEGRAR IMAGENS CISTÊMICAS	Lui Foito	68			x		Literário e Artístico (desenho)
Pensamentos de um transviado: se ele pensa, logo ele resiste	Shay de los Santos Rodriguez	69-70		x	x		Literário
nós, essas pessoas que se perguntam se são monstros	ialupombo	71-75		x	x		Literário
Seu corpo é mágico	Lino Arruda	76-81		x	x		Artístico e literário (quadrinhos)
“Não ela” ou a tentativa de construir cenicamente a representação de um gênero não inteligível	Oliver Olívia	82-92			x		Artístico (performance teatral) e literário
Um diálogo sobre fronteiras	Bruno Latini Pfeil, Cello Latini Pfeil	93-101					Acadêmico
Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?): Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans	Alexandre Gregório Silva Sampaio	102-118					Acadêmico
Homens não nascem homens: tornam-se homens Hombres no nacen hombres: se convierten en hombres	Shay de los Santos Rodriguez	118-133					Acadêmico
Gênero em Termos Reais: revisitando Connel apoiado em	Benjamin de Almeida Neves	134-147					Acadêmico

epistemologias transmasculinas brasileiras							
-	Thomas Terra	148-151					Artístico (desenho) e literário (glossário)

Fonte: O Autor.

Quadro 3 - Publicações do segundo volume da Revista Estudos Transviados, número 3, edição de junho de 2021.

Revista Estudos Transviados [v. 2, n. 3 jun/2021]							
Em defesa da autodeterminação: resistência transmasculina							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1)	(2)	(3)	(4)	Tipo
Capa	Victório Fróes						Artístico
-	Thomas Carvalho	14-15					Artístico (pintura)
O Mito do "Peito Batido na Porta"	Vitor Ian Miranda	16-17			x		Literário
-	Vitor Ian Miranda	18					Artístico (desenho)
Paisagem trans para seu telefone	Yuri Cantizano	19					Artístico (colagem)
ESTUDO DE CASO	Samuel Bittar	20		x	x		Literário
-	Samuel Bittar	21					Artístico (desenho)
A LÓGICA E A PRESCRIÇÃO: EU POSSO EXISTIR AQUI?	Samuel Bittar	22-23		x	x		Literário
-	Samuel Bittar	24					Artístico (desenho)
TRANSgressão política: a força das candidaturas transexuais nas eleições municipais de 2020.	Nicole Tassar e Thiago Moreira	25-27					Acadêmico
TRAVESSIA	Raoni Freitas	28-29					Artístico (pintura)
NOTAS SOBRE PSICOLOGIA, PRÁTICA PROFISSIONAL, CISNORMATIVIDADE E POPULAÇÃO TRANS	Alexandre Gregório Silva Sampaio	30-38					Acadêmico
COMO CHUPAR UM HOMEM TRANS	Leonardo Tenório	39-47			x		Artístico e Literário (zine)
Trans Davi	Victório	48					Artístico

	Fróes					(colagem)
Ybaka mimbira	Victório Fróes	49				Artístico (colagem)
REFLEXÕES SOBRE TRANSMASCULINIDADES E PRESERVAÇÃO DA VIDA: OS IMPACTOS DA DESLOCALIZAÇÃO	Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil	50-59				Acadêmico
-	Danillo Pietro Craveiro	60				Artístico (desenho)
Deus é uma travesti: Em memória de Marsha Johnson	Danillo Pietro Craveiro	61				Artístico (pintura)
Menino de Ouro	Shai Lamas	62				Artístico (pintura)
Exposição Proteja Seus Amigos	Shai Lamas	63				Artístico (fotografia)
Olha bem as montanhas	Shai Lamas	64				Artístico (pintura)
Efeito Colateral	Shai Lamas	65				Artístico (pintura)
Exposição Memórias do Corpo Coletiva	Shai Lamas	66				Artístico (fotografia)
Autorretrato	Shai Lamas	67				Artístico (pintura)
O conto do cotidiano	JoMaKA	68-69		x	x	Literário
Proposta Entre Zero e Um	Arthur Caldeira	70-92				Artístico (exposição de arte) e literário

Fonte: O autor.

Quadro 4 - Publicações do segundo volume da Revista Estudos Transviades, número 4, edição de novembro de 2021.

Revista Estudos Transviades [v. 2, n. 4 nov/2021]							
Em defesa da autodeterminação: resistência transmasculina							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1)	(2)	(3)	(4)	Tipo
-	Thomas Argos	Capa					Artístico
Menino peixe	Thomas Argos	13				x	Literário
-	Armr'Ore Erormray	14			x		Literário
-	Armr'Ore Erormray	15					Artístico (ilustração digital e colagem)
-	Armr'Ore Erormray	16-17	x	x			Literário
-	Armr'Ore	18					Artístico

	Erormray						(aquarela e caneta)
-	Armr'Ore Erormray	19					Artístico (fotografia)
-	Armr'Ore Erormray	20	x	x	x		Literário
-	Mar Facciolla	21					Artístico
memórias	Felipe de Paula	22-23			x		Literário
ABSOLUTAMENTE DESTERRITORIALIZADO	Iago Marichi	24					Artístico
DESRETRATO	Iago Marichi	25					Artístico
CISGENERIDADE, VOCÊ EXISTE?	Samuel Bittar	26		x	x		Literário
DIREITO À AUTOESTIMA	Samuel Bittar	27					Artístico
DIREITO À SAÚDE, POLÍTICA PÚBLICA DE IDENTIDADE E VIOLÊNCIAS SISTEMÁTICAS A CORPOS DISSIDENTES	Samuel Bittar	28-30					Acadêmico
ESTRITAMENTE CISSEXUAL	Samuel Bittar	31					Artístico
Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano	DaLua	32					Acadêmico
ENSAIO MASCULINIDADES SINTÉTICAS, 2021	Vitor Fernandes	33-35					Artístico (fotografias)
LA MADONA TRANSVESTIGENERE	Ollie Barbieri	36-37					Artístico
A (IN)EXISTÊNCIA DOS HOMENS TRANS NA NOSSA SOCIEDADE	Christophe r Santana	38-40	x	x	x		Literário
-	Dante Saldanha	43					Artístico
PROJEÇÕES DE EUFORIA	Nicolas Vasconcelos	44		x			Literário
-	Thárcilo Luiz	45-47					Artístico
AFETO	Max V Boas C Ribeiro	48					Artístico
-	Max V Boas C Ribeiro	49					Artístico
TARDE DE	Max V	50					Artístico

QUARTA-FEIRA	Boas C Ribeiro						
MÃO-BOBA	Alcan	51-55		x			Literário
DESCULPA POR SER HOMEM – DISFORIA QUEERCORE	Kaetê Okano Dani Brandão	56-58		x			Literário
-	Mika Kaliandrea	59-62					Artístico
festas de cu-ra	ynymagyn ey carú	62-64		x	x		Literário
-	ynymagyn ey carú	65					Artístico
MULTIPLICAÇÃO	Marcos Vinícius	66-67					Artístico
AULA DE VÔO	Nicolas Vasconcelos	68		x			Literário
Por seres tão inventivo e pareceres contínuo, Tempo, tempo, tempo, tempo: És um dos deuses mais lindos	Coletivo GUAPES (marina, duds, gab, lau, mar, nine e sereno)	69-78				x	Literário
ZINE	Ska Batista	79-85		x	x		Literário
CORPOS HACKEADES: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CORPES TRANSCIBORGUE S	Lu Schneider Fortes	86-92					Acadêmico
REPRESENTAÇÕES MÍDIÁTICAS DE TRANSGÊNERES E TRAVESTIS E SUAS POSSÍVEIS LEITURAS NO DOCUMENTÁRIO DISCLOSURE	Ayres Tyupanyé Marques Bruno Henrique Assunção	93-108					Acadêmico
ENTREVISTA SOBRE SAÚDE TRANSMASCULINA	Entrevistado: Athos Souza	109-111				x	Literário (entrevista)
E NÃO POSSO SER EU UM TRANSFEMINISTA?	Cauê Assis de Moura	112-116					Acadêmico
SOBRE O ANIQUILAMENTO DE CORPOS INVISÍVEIS: REFLEXÕES SOBRE TRANSMASCULINIDADES E SUICÍDIO	Bruno Latini Pfeil Cello Latini Pfeil	117-126					Acadêmico
ATÉ QUANDO? Uma breve autoetnografia sobre a evasão acadêmica	Mar Facciolla	127-134					Acadêmico

de corpos dissidentes							
O MAR REVOLTO QUE FOI MICHAEL DILLON: UM POEMA E SUA TRADUÇÃO	Thales Gabriel Trindade de Moura	135-143					Acadêmico
SOBRE NÃO-BINARIEDADES, AUTODETERMINAÇÃO, PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E CONTRA-HEGEMONIAS	Amanda	144-149					Acadêmico

Fonte: O autor.

Quadro 5 - Publicações do terceiro volume da Revista Estudos Transviados, número 5, edição de junho de 2022.

Revista Estudos Transviados [v. 3, n. 5 jun/2022]							
Revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1)	(2)	(3)	(4)	Tipo
Capa	Samuel Bittar	-					Artístico
-	Suzuki	10					Artístico
O que eu sei sobre mim	Christophe r Santana	11-14				x	Literário
EU-AUTOR: A EXPERIÊNCIA DE DISFORIA DE GÊNERO COMO DISSONÂNCIA COGNITIVA	Samuel Bittar	15-20		x	x		Literário
Enviadesci	René Yuri Lemos	21		x	x		Literário
-	Salem	22					Artístico
Aqui, Todo Mundo Tá Morrendo	Lyan Ayam	23				x	Literário
-	Rafa Rofo	24-25					Artístico
SANTO ONOFRE O ERMITRANS	Blue Mariro	26-32					Acadêmico
-	Danillo Pietro Craveiro	33-34				x	Literário
-	Julian Angardi	35-36		x	x		Literário
Resenha do artigo: RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373,	Jamie Kalil Sousa Miranda	37-41					Acadêmico

abril. 2017.							
O homem (re)inventado	Peter Milanez da Silva	42					Artístico
O homem (re)inventado	Peter Milanez da Silva	43-44	x	x	x		Literário
trajeto de olhos	Nicolas Bastos	45-46	x	x			Literário
-	Mikael Sol	47-50					Artístico
O CINEMA AMALDIÇOADO PELOS NOSSOS ANCESTRAIS	Rosa Caldeira	51-55				x	Literário
-	Bernardo Guterres	56-59					Artístico
-	Dante Lírio	60-61			x		Literário
Um homem é um vulcão	Erik Neuburger	62-63			x		Literário
poemas de amor e carnaval	Felipe de Paula	64-65				x	Literário
Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI	Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano	66-82					Acadêmico
-	Nenio	83					Artístico

Fonte: O autor.

Quadro 6 - Publicações do terceiro volume da Revista Estudos Transviades, número 6, edição de novembro de 2022.

Revista Estudos Transviades [v. 3, n. 6 nov/2022]							
Revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas							
			Categoria				
Título	Autor	Paginação	(1)	(2)	(3)	(4)	Tipo
Capa	Fernando Lins	-					Artístico
GUARDYÃO DE TRANSMUTAÇÃO	carú de paula	11-14					Artístico
CANÇÃO DE UM TRANSCORPO	Nicolas Bastos	15	x	x	x		Literário
O TSUNAMI DE ADÃO	Nicolas Bastos	16		x			Literário
-	Emi de Ferreira Carvalho	17-18					Artístico
DOBRANDO O MODELO DA DIFERENÇA SEXUAL: INGESTÕES E DIGRESSÕES ENTRE O SISTEMA CIRCULATÓRIO E	Tui Xavier Isnard	19-35					Acadêmico

OS EFEITOS DA PELE							
PIG FACE	Ive Lins Pecis	36					Artístico
TRANSXMED	Ive Lins Pecis	37					Artístico
NÃO ME ACOSTUMO	Benício Bruno Cardoso Paulo	38				x	Literário
-	Se Paz Suzuki	39-42					Artístico
PROSPERIDADE TRANSMASCULINA	Rosa Caldeira	43-45	x		x		Literário
MONOTONIA	Kairo Madah	46			x	x	Literário
MONOTONIA	Kairo Madah	47					Artístico
REI DE MIM	Kairo Madah	48					Artístico
TRAPO I	Kairo Madah	49			x		Literário
TRAPO I	Kairo Madah	50					Artístico
O DOBRO	Theo Barreto	51-53	x	x			Literário
-	Theo Barreto	54					Artístico
Estrada	Theo Barreto	55					Artístico
Beijos Carinhosos	Theo Barreto	56					Artístico
Tinder	Theo Barreto	57					Artístico
-	Rafa Rofo	58-59					Artístico
PELO DIREITO DA MEDIOCRIDADE DE ENSINO OU COMO SER UM PROFE QUEER E CRIP	Salem	60-69					Acadêmico
QUEM TEM MEDO DA TRANSFIGURAÇÃO	gau	70-71					Artístico
TEMPORAL	Sareh Almeida da Silva	72-74	x	x	x		Literário
SER TRANSGÊNERO, LIBERDADE E COMPREENSÃO AOS 40 ANOS	Axel	75-77	x	x	x		Literário
"VOCÊ É O MEU DEUS": A AUSÊNCIA DE MEMÓRIA ESCRITA DE UM HOMEM TRANS	Blue Mariro	78-85					Acadêmico

SOVIÉTICO							
EU RENASCI	Nicolas Vasconcelos	86		x			Literário
RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO ESCRITA DE ARTIVISTA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA VISUAL DO TRABALHO MASCULINIDADES EMBUCETADAS NO CONTEXTO DE ARTE, SUJEITO E CIDADE	Taliboy	87-111					Acadêmico

Fonte: O autor.